

**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS  
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL GENERAL  
2020/2021**



**TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO INDIVIDUAL – TII**

**G5 SAHEL – A INTERVENÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA E A  
CRESCENTE PRESENÇA NA REGIÃO DE ATORES INTERNACIONAIS**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A  
FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO  
SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS  
FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL  
REPUBLICANA.**

**Luís Miguel Afonso Calmeiro  
CORONEL DE INFANTARIA**



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**G5 SAHEL - A INTERVENÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA E**  
**A CRESCENTE PRESENÇA NA REGIÃO DE ATORES**  
**INTERNACIONAIS**

CORONEL de INFANTARIA Luís Miguel Afonso Calmeiro

Trabalho de Investigação Individual do CPOG

Pedrouços 2021



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**G5 SAHEL - A INTERVENÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA E**  
**A CRESCENTE PRESENÇA NA REGIÃO DE ATORES**  
**INTERNACIONAIS**

CORONEL de INFANTARIA Luís Miguel Afonso Calmeiro

Projeto de Investigação – Trabalho de Investigação Individual do CPOG

Orientador: CORONEL TIROCINADO de INFANTARIA  
Lino Loureiro Gonçalves

Pedrouços 2021



### **Declaração de compromisso Antiplágio**

Eu, Luís Miguel Afonso Calmeiro, declaro por minha honra que o documento intitulado “G5 SAHEL - A INTERVENÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA (UE) E A CRESCENTE PRESENÇA NA REGIÃO DE ATORES INTERNACIONAIS” corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto auditor do Curso de Promoção a Oficial General 2020-2021 no Instituto Universitário Militar, e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, 7 de maio de 2021

Luís Miguel Afonso Calmeiro



## **Agradecimentos**

Desejo render os mais sinceros agradecimentos aos seguintes professores, camaradas, amigos ou simplesmente pessoas que me apoiaram na elaboração deste trabalho.

Em primeiro lugar, um bem-haja ao meu orientador, Coronel Tirocinado de Infantaria Lino Loureiro Gonçalves, pela total disponibilidade demonstrada desde a primeira hora e em particular pelas indicações oportunas e decisivas para encontrar o «caminho das pedras» e dar-lhe a devida continuidade.

Ao Major Vilela da Costa, docente do IUM, pela valiosa e imprescindível ajuda na tentativa de vencer o desafio da conceção do modelo de análise.

A todas as entidades que partilharam o seu saber e conhecimento de valor imprescindível para a concretização do presente documento.

Ao Corpo Docente do IUM e a todos os meus camaradas de curso, pela disponibilidade que sempre colocaram no apoio à realização deste trabalho.

Por último, mas não em último, à minha Esposa, Elisabete Calmeiro, garante da solidez e apoio ao longo de uma carreira. À minha filha, Maria Inês, e ao meu filho, Luís Gonçalo, que constituem a “Força Decisiva” desta “Fortaleza” que denomino por Família.



## Índice

1. Introdução .....	1
2. Enquadramento teórico e conceptual .....	6
2.1 Estado da arte/revisão da literatura (quadro teórico de referência – teorias e conceitos estruturantes).....	6
2.1.1 Segurança .....	8
2.1.2 Desenvolvimento.....	8
2.2 Modelo de análise .....	9
3. Metodologia e método .....	10
3.1 Metodologia.....	10
3.2 Método.....	10
3.2.1 Participantes e procedimentos.....	10
3.2.2 Instrumentos de recolha de dados .....	10
3.2.3 Técnicas de tratamento dos dados.....	11
4. Apresentação dos dados e discussão dos resultados .....	12
4.1 Atores presentes na região .....	12
4.1.1 Organizações internacionais.....	13
4.1.2 Estados .....	15
4.1.3 Outros atores .....	19
4.1.4 Organizações transnacionais .....	20
4.1.5 Síntese conclusiva e resposta à Questão Derivada 1.....	20
4.2 A estratégia da União Europeia para o Sahel .....	21
4.2.1 Síntese conclusiva e resposta à Questão Derivada 2.....	25
4.3 Estratégia nacional para a região do Sahel .....	26
4.3.1 Síntese conclusiva e resposta à Questão Derivada 3.....	30
4.4 O posicionamento de Portugal, no quadro da estratégia da União Europeia para o Sahel e resposta à Questão Central .....	30
5. Conclusões e Recomendações .....	32
Referências bibliográficas .....	35



## **Índice de Apêndices**

Apêndice A —	Lista de participantes na investigação e guião da entrevista.....	Apd A-1
Apêndice B —	Análise de conteúdo final das entrevistas .....	Apd B-1
Apêndice C —	Matrizes de unidades de contexto e de registo.....	Apd C-1
Apêndice D —	Recursos naturais.....	Apd D-1
Apêndice E —	Indicadores .....	Apd E-1

## **Índice de Figuras**

Figura 1 – Região do G5S .....	1
Figura 2 – Pilares da CISahel .....	2
Figura 3 – CISahel: Pilar 2 .....	3
Figura 4 – CISahel: Pilar 3 .....	4
Figura 5 – CISahel: Pilar 4 .....	4
Figura 6 – Abordagem do apoio da UE para a região do Sahel .....	7
Figura 7 – Estrutura-guia da investigação .....	8
Figura 8 – Sahel.....	12
Figura 9 – Tendência populacional de deslocados internos e refugiados no Sahel.....	15
Figura 10 – CISahel: Pilar 1 .....	16
Figura 11 – Bases militares americanas no Continente africano.....	17
Figura 12 – Acordos de cooperação militar com a Rússia pós 2017.....	19
Figura 13 – Posicionamento geoestratégico de Portugal.....	26
Figura 14 – Política externa portuguesa .....	27
Figura 15 – Representantes diplomáticos para o Sahel .....	28
Figura 16 – Grupos Islâmicos ativos em África (2015-2020).....	Apd E-2

## **Índice de Gráficos**

Gráfico 1 – Variação do IGT (2016-2020).....	Apd E-2
Gráfico 2 – Variação do IGP (2016-2020) .....	Apd E-3
Gráfico 3 – Variação do IDH global (2015-2019) .....	Apd E-4



### **Índice de Quadros**

Quadro 1 – Modelo de Análise.....	9
Quadro 2 – Análise de conteúdo final das respostas à questão 1 .....	Apd B-1
Quadro 3 – Análise de conteúdo final das respostas à questão 2 .....	Apd B-2
Quadro 4 – Análise de conteúdo final das respostas às questões 3 a 6 .....	Apd B-3
Quadro 5 – Matriz de unidades de contexto e de registo da questão 1.....	Apd C-1
Quadro 6 – Matriz de unidades de contexto e de registo da questão 2.....	Apd C-3
Quadro 7 – Matriz de unidades de contexto e de registo das questões 3 a 6.....	Apd C-6

### **Índice de Tabelas**

Tabela 1 – Objetivos Específicos e Questão Central.....	5
Tabela 2 – Lista de Participantes na investigação .....	Apd B-1
Tabela 3 – Reservas de recursos petrolíferos, de gás e minerais.....	Apd D-1



## **Resumo**

O presente estudo tem como objetivo avaliar o posicionamento de Portugal no quadro da estratégia da União Europeia para o Sahel. Para tal, procede-se à análise dos atores, sua relação, alinhamentos e interdependências e dá-se continuidade através da análise da estratégia da União Europeia, no quadro da qual se conclui com o posicionamento de Portugal que, coincidentemente, assumiu, no primeiro semestre de 2021, a presidência do Conselho da União Europeia.

Como metodologia, utilizou-se o raciocínio dedutivo, baseado numa estratégia qualitativa, e o estudo de caso como desenho de pesquisa.

Da investigação resultou que a estratégia da União Europeia requer uma abordagem multidimensional, centrada na boa governação e com o comprometimento dos governos locais. Acresce referir que estão presentes na região atores com diversas estratégias, onde as atuações de grupos jihadistas aproveitam as relações frágeis entre os Estados e as comunidades, instrumentalizam grupos étnicos e clivagens comunitárias.

Concluiu-se que Portugal, no quadro da estratégia da União Europeia, tem um empenhamento multilateralista na linha de defesa sul da Europa, onde, à sua dimensão, é um ator importante, nos domínios militar e político, que lhe dá credibilidade para influenciar, no seio da União Europeia, as decisões dos Estados-Membros relativamente a África.

## **Palavras-chave:**

G5 SAHEL, União Europeia, Política externa portuguesa, Segurança, Desenvolvimento.



**Abstract**

*This study aims to assess Portugal's positioning within the framework of the European Union strategy for the Sahel. To this end, an analysis of the players, their relationship, alignments, and interdependencies is carried out and then continued through the analysis of the European Union's strategy, which concludes with the position of Portugal which, coincidentally, assumed the Presidency of the Council of the European Union in the first half of 2021.*

*As a methodology, deductive reasoning was used, based on a qualitative strategy, as well as the case study as a research design.*

*It resulted from the research that the European Union strategy requires a multidimensional approach, focused on good governance and with the commitment of local governments. It should be noted that there are players with different strategies in the region, where the actions of jihadist groups take advantage of the fragile relations between states and communities, instrumentalize ethnic groups and fractures within the communities.*

*It was concluded that Portugal, within the framework of the European Union's strategy, has a multilateralist commitment towards the southern European defence line, where, relative to its size, it is an important player in the military and political fields, which gives it the credibility to influence, within the European Union, the decisions of the Member States regarding Africa.*

**Keywords:**

*G5 SAHEL, European Union, Portuguese foreign policy, Security, Development.*



### Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ACLED	–	<i>Armed Conflict Location &amp; Event Data Project</i>
ADF	–	<i>Africa Defense Forum</i>
APF	–	<i>Africa Peace Facility</i>
AQ	–	Al-Qaeda
AQMI	–	Al-Qaeda-do-Magrebe-Islâmico
AS	–	<i>Alliance Sahel</i>
BH	–	<i>Boko Haram</i>
CEDEAO	–	Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental
CEDN	–	Conceito Estratégico de Defesa Nacional
CISahel	–	Coligação Internacional pelo Sahel
CI	–	Comunidade Internacional
CMA	–	Coligação dos Movimentos do Azawad
CPCC	–	<i>Civilian Planning and Conduct Capability</i>
CPLP	–	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CPOG	–	Curso de Promoção a Oficial General
CS	–	Conselho de Segurança
CSDP	–	<i>Common Security and Defence Policy</i>
DIPLAEM	–	Divisão de Planeamento Estratégico Militar
DGPDN	–	Direção-Geral de Política de Defesa Nacional
DoD	–	<i>Department of Defense</i>
EAU	–	Emirados Árabes Unidos
EITI	–	<i>The Extractive Industries Transparency Initiative</i>
EM	–	Estado(s)-Membro(s)
EME	–	Estado-Maior do Exército
EMGFA	–	Estado-Maior-General das Forças Armadas
EIUES	–	Estratégia Integrada da União Europeia para o Sahel
ESDS	–	Estratégia para a Segurança e Desenvolvimento no Sahel
EUA	–	Estados Unidos da América
EUCAP Sahel Mali	–	<i>European Union Capacity Building Mission in Mali</i>
EUCAP Sahel Niger	–	<i>European Union Capacity Building Mission in Niger</i>
EUMS	–	<i>European Union Military Staff</i>
EUSRS	–	Representante Especial da União Europeia para o Sahel /



		<i>European Union Special Representative for the Sahel</i>
EUTM	–	<i>European Union Training Mission</i>
FC-G5S	–	Força Conjunta G5 Sahel / <i>Force Conjointe G5 Sahel</i>
FCSH	–	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
G5S	–	Grupo G5 Sahel
GT	–	Grupo(s) Terrorista(s)
IDH	–	Índice de Desenvolvimento Humano
IGP	–	Índice Global da Paz
IGT	–	Índice Global de Terrorismo
IMVF	–	Instituto Marquês de Valle Flôr
IPRI	–	Instituto Português de Relações Internacionais
ISP	–	<i>Integrated Approach for Security and Peace</i>
ISIS-GS	–	<i>Islamic State of Iraq and Syria-Greater Sahara</i>
IUM	–	Instituto Universitário Militar
JNIM	–	<i>Jama'at Nasr al-Islam wal Muslimin</i>
MDN	–	Ministro da Defesa Nacional
MINUSMA	–	Missão das Nações Unidas de Estabilização do Mali
MPCC	–	<i>Military Planning and Conduct Capability</i>
NAE	–	Nova Agenda Estratégica
NEP	–	Norma de Execução Permanente
OAT	–	Outros atores territoriais
OE	–	Objetivo Específico
OG	–	Objetivo Geral
OI	–	Organizações Internacionais
ONG	–	Organizações Não Governamentais
ONU	–	Organização das Nações Unidas
OT	–	Organizações Transnacionais
OTAN	–	Organização do Tratado do Atlântico Norte
P3S	–	Parceria para a Segurança e a Estabilidade no Sahel / <i>Partenariat pour la Sécurité et la Stabilité au Sahel</i>
PALOP	–	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PAR	–	Plano de Ação Regional
PCSD	–	Política Comum de Segurança e Defesa



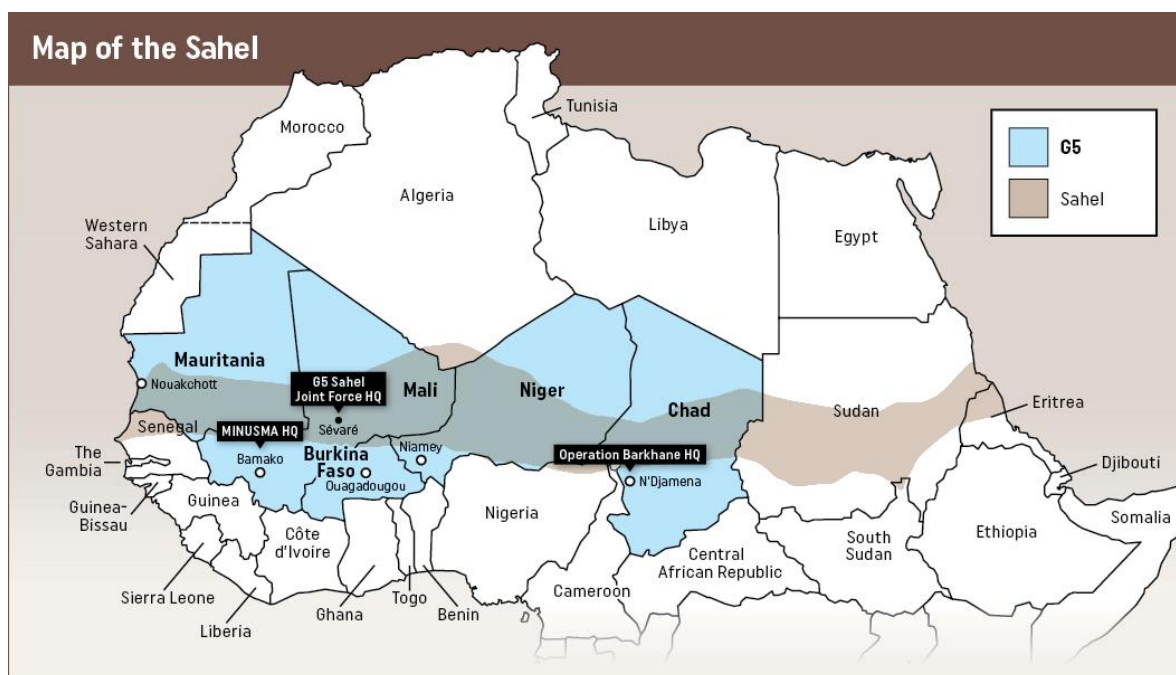
PE	–	Política Externa
PPUE	–	Presidência portuguesa do Conselho da União Europeia
QC	–	Questão Central
QD	–	Questão Derivada
RCA	–	República Centro Africana
RPC	–	República Popular da China
SEAE	–	Serviço Europeu para a Ação Externa
TII	–	Trabalho de Investigação Individual
USAFRICOM	–	<i>United States Africa Command</i>
UA	–	União Africana
UE	–	União Europeia
UNCTD	–	<i>United Nations Conference on Trade and Development</i>
UNODC	–	<i>United Nations Office on Drugs and Crime</i>



## 1. Introdução

O tema do Trabalho de Investigação Individual (TII) insere-se no Estudo das Crises e dos Conflitos Armados, na área das ciências militares (Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro, 2015, p. 9300).

O Tratado de Lisboa, que entrou em vigor em 2009, estabelece uma Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD), o qual, para além da reforma institucional, com a criação do Serviço Europeu para a Ação Externa (SEAE), alarga o espetro de missões que podem ser desempenhadas (Ferreira, 2014, p. 123). Em 2011, a União Europeia (UE) adotou a Estratégia para a Segurança e Desenvolvimento no Sahel (ESDS), revista em 2014, concretizada através do Plano de Ação Regional (PAR) 2015-2020 e reformulada, em 2021, pela Estratégia Integrada da UE para o Sahel (EIUES) (Conselho da UE, 2021). Paralelamente, os cinco países da região criaram o Grupo G5 Sahel<sup>1</sup> (G5S), em 2014, seguido da operacionalização da Força Conjunta G5S<sup>2</sup> (FC-G5S), em 2017.



**Figura 1 – Região do G5S**

Fonte: *Africa Defense Forum* [ADF] (2018)

<sup>1</sup> Organização regional criada para garantir e aliar condições de desenvolvimento e de segurança, para melhorar as condições de vida das populações, apoiados pela boa governação e promover um desenvolvimento regional inclusivo e sustentável (G5S, 2021).

<sup>2</sup> Com a missão de combate ao terrorismo, crime organizado transfronteiriço e tráfico de seres humanos no espaço do G5S (FC-G5S, 2019).



Apesar desses esforços, Ángel Losada, Representante Especial da UE para o Sahel (EUSRS), considerou que “o Sahel concentra todas as crises do mundo: terrorismo, migração, económica e ambiental” (Reis, 2017), acrescentando Donald Tusk (Conselho Europeu, 2017) que a UE é o maior parceiro comercial de África, o maior investidor, o vizinho mais próximo, quem mais lhe presta ajuda humanitária e ao desenvolvimento, e mais contribui para a paz e segurança. A necessidade de dar um impulso aos esforços da Comunidade Internacional (CI) no apoio ao Sahel, foi anunciada, em 13 de janeiro de 2020, na Cimeira de Pau, através da Coligação Internacional pelo Sahel (CISahel)<sup>3</sup> (SEAE, 2020), reafirmada e alargada a outros parceiros internacionais na Cimeira UE-G5S, que decorreu em 28 de abril de 2020 (Conselho Europeu, 2020).

A presidência do G5S organizou, a 12 de junho seguinte, a primeira reunião ministerial conjunta da CISahel com o EUSRS e o Ministro da Europa e dos Negócios Estrangeiros da França (Ministère de L'Europe et des Affaires Étrangères, 2020), assente em quatro pilares (Conselho Europeu, 2020), traduzidos na figura 2, em consonância com o referido na atualização estratégica francesa de 2021 (Ministère des Armées, 2021, p. 34).

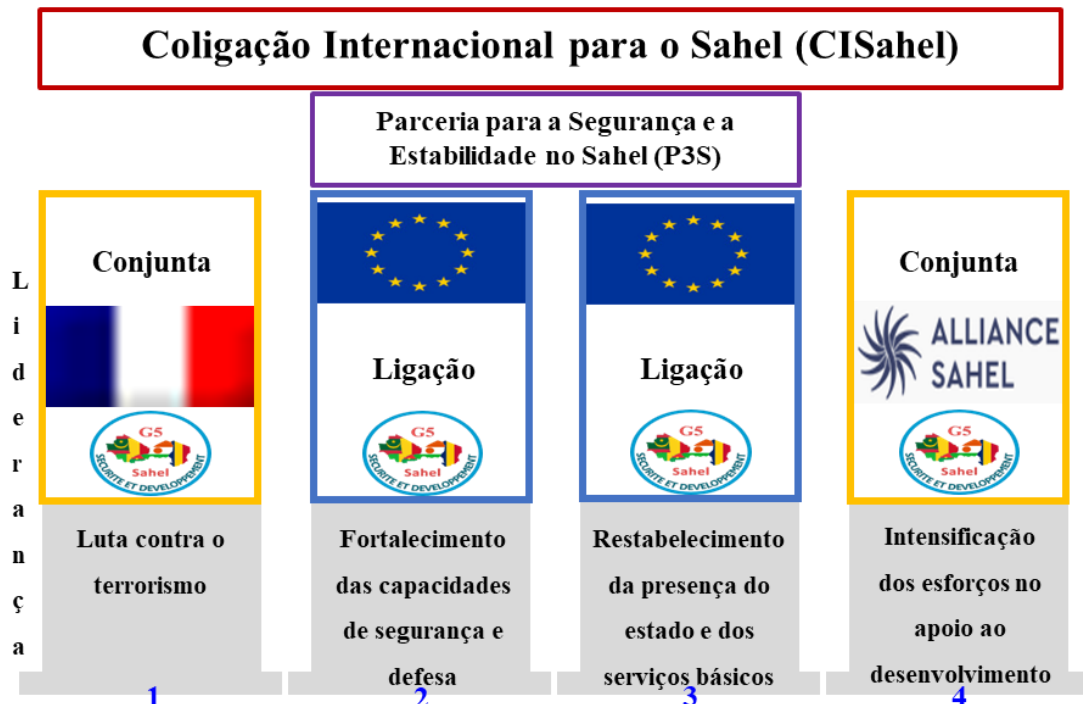


Figura 2 – Pilares da CISahel

Fonte: adaptado a partir de Conselho Europeu (2020)

<sup>3</sup> Visa facilitar a sincronização, a coordenação e as interações entre as diferentes vertentes da ação internacional de apoio aos países do G5 (CISahel, 2021).



Na sequência dessa reunião, a Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação de Portugal referiu que “a situação [...] tem implicações locais e regionais, [...] no plano global”, carecendo de uma “resposta de fôlego internacional” (Ribeiro, 2020, *cit.* por Portal Diplomático, 2020a).

No contexto do recente golpe militar de 18 de agosto de 2020, no Mali, o Ministro da Defesa Nacional (MDN) português participou numa reunião com os principais parceiros internacionais da CISahel (Defesa Nacional, 2020), assinalando que se tratou de uma “oportunidade para reafirmar o apoio às ações desenvolvidas no âmbito da Coligação, incluindo a Parceria para a Segurança e a Estabilidade no Sahel (P3S), bem como a sua determinação em cumprir os compromissos assumidos para a estabilização do Mali” que, no caso de Portugal, inclui a Missão das Nações Unidas de Estabilização do Mali (MINUSMA) e a *European Union Training Mission* (EUTM) (ver Figura 3).



**Figura 3 – CISahel: Pilar 2**

Fonte: adaptado a partir de CISahel (2021)

O Sahel é uma área importante para a UE, facilmente constatado pelo apoio diversificado dos Estados-Membros (EM) e da UE, de oito mil milhões de euros, desde 2014 (SEAE, 2019, p. 2), através de numerosas cooperações bilaterais e multilaterais e incluindo o lançamento da missão *EU Capacity Building Mission in Niger* (EUCAP Sahel Níger), em 2012, EUTM Mali, em 2013 e EUCAP Sahel Mali, em 2015 (SEAE, 2020) (cf. Figura 4).



**Figura 4 – CISahel: Pilar 3**

Fonte: adaptado a partir de CISahel (2021)

A UE também é membro e principal apoiante da *Alliance Sahel (AS)*, criada para coordenar melhor a cooperação abrangida pelo pilar do desenvolvimento conduzido pela UE e EM presentes na região, de uma forma mais rápida e mais interligada (AS, 2020) (cf. Figura 5). Apesar de todos os apoios, a região continua a confrontar-se com uma situação complexa e com uma diversidade de estratégias, cuja dessincronização conduz a resultados pouco eficazes (SEAE, 2020).



**Figura 5 – CISahel: Pilar 4**

Fonte: adaptado a partir de CISahel (2021)



O presente TII tem como objeto da investigação avaliar o posicionamento de Portugal no quadro da ESDS, cuja investigação será delimitada nos seguintes âmbitos: em termos temporais, ao período que decorre desde a aprovação da ESDS (2011) e a atualidade; no domínio de espaço, restringe-se à recolha e análise de informação sobre a região formada pelos países constituintes do G5S; ao nível de conteúdo, começa-se por caracterizar os atores presentes na região perante a ESDS, seguida da estratégia nacional para a região, e por último, avaliar de que forma pode o posicionamento de Portugal contribuir para a execução da ESDS, nos domínios político, militar, económico, social e ambiental.

Avaliar o posicionamento de Portugal no quadro da ESDS traduz o Objetivo Geral (OG) deste TII, tendo sido definidos três Objetivos Específicos (OE) e uma Questão Central (QC) (cf. Tabela 1).

**Tabela 1 – Objetivos Específicos e Questão Central**

OE1	Caracterizar os atores presentes na região formada pelos países do G5S.
OE2	Analisar a estratégia da UE para o Sahel.
OE3	Analisar a estratégia nacional para o Sahel.
QC	Qual é o posicionamento de Portugal no quadro da estratégia da UE para o Sahel?

A estrutura do trabalho segue o preconizado pela Norma de Execução Permanente (NEP) do Instituto Universitário Militar (IUM) (NEP / INV – 003 (O), FEV2020, p. B-1).



## 2. Enquadramento teórico e conceptual

No presente capítulo apresenta-se a revisão da literatura, os conceitos estruturantes e o modelo de análise.

### 2.1 Estado da arte/revisão da literatura (quadro teórico de referência – teorias e conceitos estruturantes)

Garcia (2019, p. 255) advoga que “a relação entre segurança e desenvolvimento é incontestável, não podendo haver desenvolvimento sem paz nem segurança, da mesma forma que sem desenvolvimento e prosperidade, não haverá condições para a manutenção de uma paz duradoura”, o que já era referido por Couto (1988, p. 23), porquanto “todos os tipos de unidades políticas visam as mesmas aspirações humanas fundamentais que, sinteticamente, podem ser referidas por segurança e prosperidade e bem-estar”. Também o G5S tem por finalidade “garantir condições de desenvolvimento e segurança” (G5S, 2020).

Numa avaliação estratégica global sobre o mundo, Pires (2020, p. 29) considera que se pode “perceber que a evolução será feita [...], pela escolha conjuntural de parceiros, entre os principais atores do sistema internacional”, destacando “os Estados Unidos da América (EUA), a UE, a Rússia, a República Popular da China (RPC), a Índia e o Japão”. Para delimitação do estudo aos Estados não pertencentes à UE, releva-se que da estratégia de defesa nacional dos EUA (*Department of Defense* [DoD], 2018, p. 2), retira-se que “é cada vez mais claro que a RPC e a Rússia querem moldar o mundo com o seu modelo autoritário – ganhando autoridade de veto sobre as decisões [...] de outras nações”. Acresce que no primeiro discurso sobre política externa (PE), Joe Biden (2021) afirmou que “a liderança americana deve enfrentar este novo momento de avanço do autoritarismo, incluindo as ambições crescentes da RPC de rivalizar com os EUA e a determinação da Rússia em prejudicar e perturbar a nossa democracia”.

O presente estudo envolve a análise, em primeiro lugar, dos atores e prossegue através da análise da ESDS. Conclui-se com o posicionamento de Portugal que, coincidentemente, assumiu, no primeiro semestre de 2021, a presidência do Conselho da UE (PPUE), podendo tratar-se de uma oportunidade para a “diplomacia conseguir avanços significativos, considerando a particular competência que Portugal tem neste capítulo” (Gouveia, 2020).

Proteger a UE é garantir as duas dimensões da segurança: a interna, dentro das suas fronteiras, e a externa, nas zonas vizinhas onde é crucial manter a estabilidade (Comissão Europeia, 2020), porque o Sahel “é a linha de defesa avançada da Europa” (Pires, entrevista por Zoom, 15 de fevereiro de 2021).

Ao transpor a teoria para a prática, a abordagem integrada da UE para a região do Sahel identificou sete ferramentas, que podem ser agrupadas em três áreas de intervenção (Loannides, 2020, pp. 5, 6), resumidas na Figura 6.



Figura 6 – Abordagem do apoio da UE para a região do Sahel

Fonte: adaptado de Loannides (2020, p. 5)

A região está mergulhada em crises interdependentes, a começar pelo terrorismo e conflitos étnicos, como principais catalisadores, alimentados pela criminalidade e tráfico transnacional, com impacto na segurança (Reis, 2017). Os resultados, pouco animadores face aos objetivos traçados nas estratégias implementadas, são agravados pela crise ambiental, com impacto no desenvolvimento económico e social, que pressiona os recursos naturais disponíveis para uma população jovem e crescente, originando, consequentemente, o aumento da pobreza e fluxos migratórios, tornando estas populações alvos fáceis de grupos terroristas (GT) e de criminalidade (Reis, 2017). César das Neves (2021) reforça que “não devemos desistir, porque começam a existir oportunidades, mas cada país só se desenvolve à sua maneira.”

Tomando por base a teoria construtivista de Buzan, Waever e Wilde (1998), são tidos em consideração cinco setores: militar, ambiental, económico, social e político. Os primeiros quatro encontram-se associados às crises referidas por Losada (Reis, 2017) cabendo à política definir o quadro de ação e atribuir recursos (Couto, 1988, pp. 220, 221).

A EIUES constitui o quadro de ação, através de um novo pacto político e de governação centralizado na estabilização através do esforço militar, a curto prazo, e no

desenvolvimento sustentável social, ambiental e económico, a longo prazo (Conselho da UE, 2021, p. 10).

No modelo de Loannides (cf. Figura 6), a dimensão política utiliza as ferramentas da área de intervenção “resolução de conflitos”, a militar utiliza as da “segurança” e as restantes dimensões as ferramentas da “ajuda financeira”.

Face ao anteriormente referido, chega-se à seguinte estrutura-guia da investigação (cf. Figura 7), que envolve dois conceitos nucleares utilizados ao longo do estudo, cinco setores e as sete ferramentas utilizadas pela UE no apoio à região do Sahel (cf. Figura 6) e que conduz à definição do modelo de análise (cf. Quadro 1).

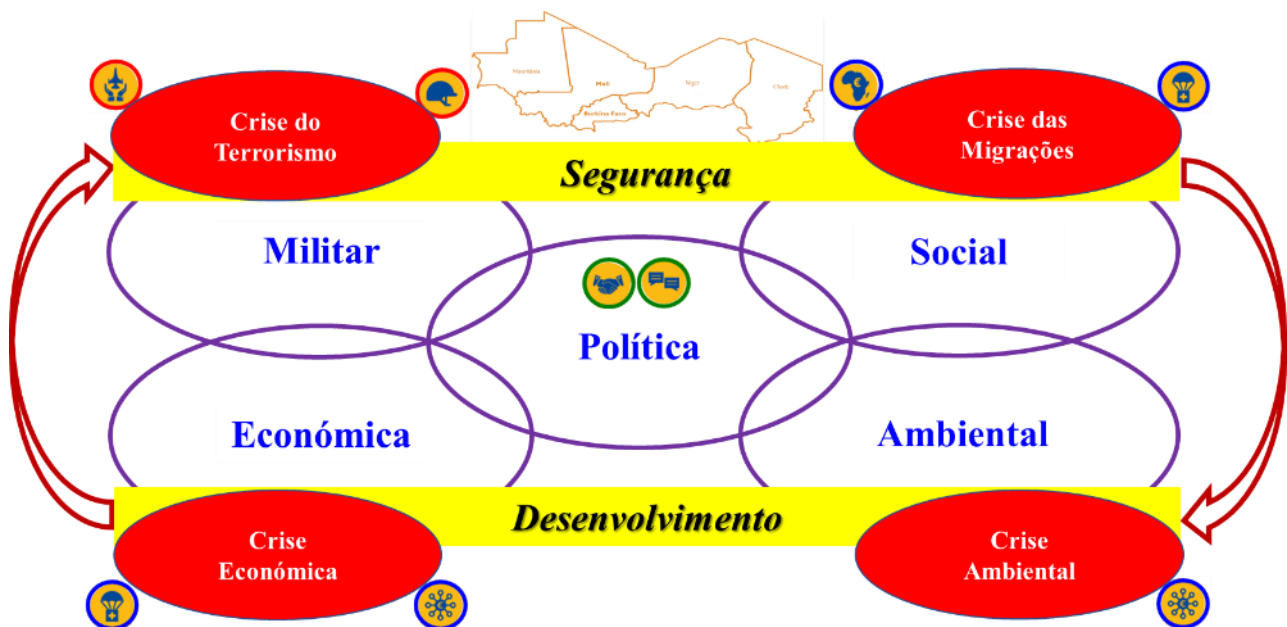


Figura 7 – Estrutura-guia da investigação

### 2.1.1 Segurança

Entendido “como a expressão da efetiva carência de perigo, quando não existem (ou foram removidas) as causas dele”, “é um estado instável, dependente não só de decisões de outros ou da confluência de circunstâncias variáveis” (Couto, 1988, p. 70).

### 2.1.2 Desenvolvimento

Entendido como “a satisfação das necessidades materiais e morais da sociedade, através da produção de bens e sua adequada repartição e da prestação de serviços, assenta, em grande parte, em medidas de política interna, mas implica também medidas variadas de projeção externa” (Couto, 1988, p. 72).



## 2.2 Modelo de análise

Este TII é desenvolvido em conformidade com o modelo apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Modelo de Análise

<b>Tema</b>	<b>G5 Sahel - A intervenção da UE e a crescente presença na região de atores internacionais</b>				
<b>Objetivo Geral</b>	Avaliar o posicionamento de Portugal no quadro da estratégia da UE para o Sahel.				
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Questão Central</b>	Qual é o posicionamento de Portugal no quadro da estratégia da UE para o Sahel?			
	<b>Questões Derivadas (QD)</b>	<b>Conceitos</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Recolha de dados</b>
<b>OE1</b> Caracterizar os atores presentes na região formada pelos países do G5S.	<b>QD1</b> Quais os atores presentes na região formada pelos países do G5S?	Segurança	Política  Militar	Atores  Estratégias  Índice Global de Terrorismo	Documental e Entrevistas semiestruturadas
<b>OE2</b> Analisar a estratégia da UE para o Sahel.	<b>QD2</b> Qual é a estratégia da UE para o Sahel?			Económica	
<b>OE3</b> Analisar a estratégia nacional para o Sahel.	<b>QD3</b> Qual é a estratégia nacional para o Sahel?	Desenvolvimento	Social  Ambiental	Iniciativas • Políticas • Militares • Económicas • Sociais • Ambientais Posicionamento	



### **3. Metodologia e método**

Neste capítulo descreve-se a metodologia e o método nos quais se baseia a investigação.

#### **3.1 Metodologia**

O percurso metodológico foi dividido em duas fases: primeira, para identificação da QC e QD e construção do modelo de análise; e segunda, centrada na recolha, análise e apresentação dos dados; seguida da discussão dos resultados e apresentação de contributos e recomendações para o conhecimento daí decorrentes.

A metodologia, baseada na investigação aplicada com posicionamentos epistemológico interpretativista e ontológico construtivista, foi sustentada no processo de raciocínio dedutivo. No desenvolvimento da investigação optou-se por uma estratégia qualitativa. Relativamente ao desenho de pesquisa utilizou-se o estudo de caso que, assentando em múltiplas fontes de evidência qualitativas e quantitativas enquadradas por uma lógica de construção de conhecimento, permitiu estabelecer uma base de aplicação de soluções para responder à QC (Santos & Lima, 2019, pp. 22-37).

#### **3.2 Método**

Neste subcapítulo são apresentados e detalhados os participantes e o procedimento, os instrumentos, e as técnicas de recolha e tratamento de dados.

##### **3.2.1 Participantes e procedimentos**

Aceitaram participar nesta investigação catorze<sup>4</sup> personalidades cuja identidade consta do Apêndice A, incluindo o documento que previamente receberam por *email*. Com a exceção do entrevistado #12 (E12), que não autorizou a citação nominal na versão final do documento, os restantes concordaram que as respetivas respostas poderiam constituir fonte de citações para o presente TII.

##### **3.2.2 Instrumentos de recolha de dados**

Os principais instrumentos de recolha de dados compreenderam: a análise documental que, segundo Calado e Ferreira (2005, p.1), constitui um dos três grandes grupos de instrumentos no âmbito das investigações de tipologia qualitativa; e a realização de entrevistas semiestruturadas aplicadas a entidades de referência, no que concerne ao tema, ainda que algumas destas, em função da respetiva experiência profissional, apenas tenham respondido a parte das questões.

---

<sup>4</sup> Quantitativo enquadrado, inclusive por “excesso”, na dimensão da amostra (12) de “informantes relativamente homogêneo” (Rego, Cunha, & Meyer, 2019, p. 53).



### **3.2.3 Técnicas de tratamento dos dados**

As entrevistas (cf. Apêndice A) semiestruturadas, com questões abertas e fechadas, procuraram confirmar os indicadores relativos às QD, em cuja análise se utilizaram técnicas de análise descritiva, recorrendo a matrizes de análise temática ou categorial e análise temática tradicional (Santos & Lima, 2019, pp. 123-125).

Para a análise documental foi efetuada uma matriz temática com base na associação dos indicadores às dimensões e inerentes QD, constantes do modelo de análise (cf. Apêndice B). O racional para a seleção de documentos assentou, quer na hierarquia das normas legais, quer na reputação dos respetivos autores, procurando-se, ainda, que os mesmos refletissem, o mais possível, a pluralidade de opiniões e diversidade de conceitos registados no Apêndice C.

#### 4. Apresentação dos dados e discussão dos resultados

Sahel (*Sāḥil* em árabe), ilustrado na Figura 8, é uma região semiárida que se estende desde o Senegal até ao Sudão, formando uma zona de transição entre o árido Sara (deserto) ao norte e o cinturão de savanas húmidas ao sul (Encyclopaedia Britannica, 2020).



Figura 8 – Sahel

Fonte: adaptado a partir de TRTWORLD (2020)

Além de ser uma faixa de transição geográfica, o Sahel também divide o Norte de África, maioritariamente árabe, e a África Subsaariana, constituindo uma região étnica e religiosamente diversa (Santos, Aquino, Cesar, Pantano & Santos, 2018, p. 1).

##### 4.1 Atores presentes na região

Embora a opinião e a sistematização não sejam pacíficas, segundo Couto (1988, p. 20) tende-se a considerar como atores da cena internacional e elementos do sistema político internacional: organizações internacionais (OI), Estados, outros atores territoriais (OAT) e organizações transnacionais (OT). Dando o mote para a primeira parte da investigação, Serrano e Neisse (entrevista por *email*, 16 de fevereiro de 2021) referiram que “o Sahel enfrenta um número crescente de intervenções externas e está gradualmente a tornar-se uma questão geoestratégica global”, onde “atores institucionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) [...] ou atores bilaterais como os EUA, estão envolvidos em ações complementares e coordenadas, destinadas à convergência estratégica de forma a ampliar o impacto das respetivas atividades a médio e longo prazo”, acrescentando ainda que outros



“atores, como a RPC, Rússia, [...], mostram desejo de ampliar a sua influência nesta região do mundo, muitas vezes com vista a ganhos de curto prazo”.

#### 4.1.1 Organizações internacionais

Das OI presentes na região, do universo de entrevistados, 64% referem a ONU, que “inclui todas as agências que lhe estão associadas” (Ribeiro, entrevista por *MSTeams*, 6 de fevereiro de 2021) como um dos principais atores presentes na região, considerando Simon (entrevista por *email*, 26 de fevereiro de 2021), que a UE e a ONU “trabalham em conjunto, procurando sistematicamente a complementaridade de ações e recursos”. Contudo, Pires (*op. cit.*) observa que está “presente, mas não consegue influenciar grandemente”, nem “desenvolver uma política de estabilidade, de apoio à legitimidade do Estado, de aumento da participação ativa, dos níveis de melhoramento da educação, não conseguindo ser efetiva”. Acresce que “convém ter presente as limitações do atual mandato da MINUSMA com uma postura operacional defensiva, só atuando quando as populações se encontram em situação de extrema insegurança (Cunha, entrevista por *MSTeams*, 18 de fevereiro de 2021). Sendo o garante dos Acordos de Argel de 2015<sup>5</sup>, desempenha outras funções essenciais, como mediação, prestação de serviços e assistência de emergência. Todavia, a missão central continua a ser a manutenção da paz (European Council on Foreign Relations, 2019). No âmbito da prestação de serviços, apoia a FC-G5S, sendo posteriormente ressarcida pela UE. “É assim que a CI concretiza a sua cooperação local para combater, por exemplo, o terrorismo na região das três fronteiras” (Mathieu, entrevista por *WhatsApp*, 11 de fevereiro de 2021).

No primeiro patamar continental, a União Africana (UA) apenas é mencionada por 57% dos entrevistados, até porque, segundo Pires (*op. cit.*), integra “uma estratégia concertada a partir de uma política combinada, que ainda não existe, entre a UE, a ONU, a UA e as organizações regionais, além dos atores, como a França [...]” e Cunha (*op. cit.*) releva que a UA “procura desempenhar um papel ativo [...], ainda que consciente de que sem os fundos da UE e sem a presença militar francesa e o treino dado pelos europeus, a sua capacidade de influência é bastante reduzida”.

Mathieu (*op. cit.*) expõe que “outro ator importante, a nível regional, [...], é a [...] Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO)”, mencionada por 71% dos entrevistados, dando como exemplo o golpe militar de agosto de 2020, no Mali, na

---

<sup>5</sup> A Coligação dos Movimentos do *Azawad* (CMA) assinou em 20 de junho de 2015, o acordo de paz para o Norte do Mali (RFI, 2015).



sequência do qual, com a UE e a UA a “apoiarem os esforços regionais”, “assumiu a liderança” constituindo-se num “ator importante para lidar com essa questão política”, que considera ter sido “um sucesso”. Esta ideia também é corroborada por Maio (entrevista por Zoom, 3 de março de 2021), fundamentando que “a nível regional, a organização que [...] tem funcionado é a CEDEAO”, referindo-se ao mesmo evento, afirmando “que mostrou” a sua “credibilidade”. A “CEDEAO aprovou um ambicioso plano de luta contra o terrorismo na região com um orçamento de dois mil milhões de Euros”, mas só com o apoio internacional, designadamente de “fundos que não dispõe”, poderá ter um papel ativo, “esperando que a UE e outros parceiros internacionais façam contribuições” (Cunha, *op. cit.*).

Finalmente, a coligação G5S referida por 79% dos entrevistados, “é uma organização específica para aquela área” (Ribeiro, *op. cit.*), cujo mentor é o presidente francês Emmanuel Macron e os principais financiadores a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos (EAU) (Campbell, 2017). Nesta região cujas principais atividades económicas são, desde há séculos, a agricultura e o pastoreio de característica nómada, as quais levam a disputas entre agricultores e pastores, após a independência da França, assumiram um carácter transnacional (Santos *et al.*, 2018, p. 2). Apesar dos esforços envidados pelos diversos atores, a região do Sahel ainda experiencia o tráfico de drogas e o crime organizado (*United Nations Office on Drugs and Crime [UNODC], 2013*).

Os países do G5S, apesar de possuírem uma vasta riqueza de recursos naturais (ver Apêndice D), encontram-se numa das regiões mais pobres do mundo (UNODC, 2013), onde a insegurança que atinge a região é acompanhada por uma emergência humanitária crescente com mais de dois milhões de pessoas deslocadas<sup>6</sup> e insegurança alimentar galopante, com o Burkina Faso, como epicentro da crise humanitária, demonstrando ser particularmente vulnerável (Nsaibia, 2021, p. 34). A disputa por recursos e o aumento da criminalidade têm outras duas consequências: a deslocação de refugiados (cuja tendência está referenciada na Figura 9) e o estabelecimento de grupos armados que se aproveitam da situação como fonte de recrutamento, expansão e benefício financeiro proporcionado (Santos *et al.*, 2018, p. 3). Os Estados do G5S enfrentam o desafio de conferir um futuro para os milhões de jovens que ingressam no mercado de trabalho a cada ano (SEAE, 2021), mas o estado não deve ser visto

---

<sup>6</sup> De acordo com a Agência de Refugiados da ONU (R4Sahel, 2021), o Níger, o Burkina Faso e o Mali estão no epicentro de uma das crises de deslocados e desprotegidos mais rápidas do mundo. À data de 30 de abril de 2021, a região abrigava quase 900 mil refugiados e mais de dois milhões de deslocados.



apenas como o exército e a polícia. Deve ser um provedor de bens públicos básicos, um defensor dos direitos humanos e um protetor (SEAE, 2021).

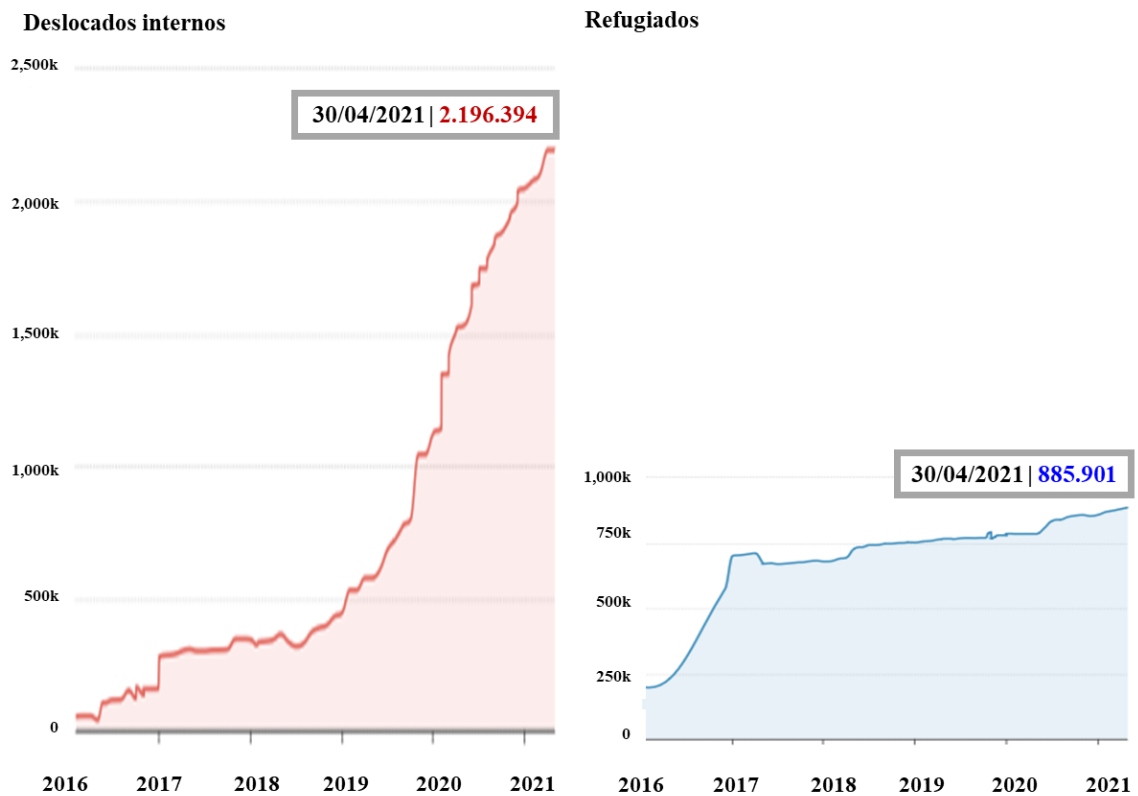


Figura 9 – Tendência populacional de deslocados internos e refugiados no Sahel

Fonte: adaptado a partir de R4Sahel (2021)

#### 4.1.2 Estados

O perfil estratégico de um EM da UE deriva de quatro indicadores qualitativos: interesses; prioridades; empenhamento; e institucionalização de objetivos estratégicos como parte da PE ou elaborada de forma autónoma, i.e., uma “estratégia para África” (Faleg & Palleschi, 2020, p. 11), em conformidade com a qual os EM apoiaram ativamente a implementação da ESDS, nalguns casos desenvolvida conjuntamente com as suas próprias estratégias (Conselho da UE, 2015, p. 6).

Na prática, a CI tem procurado apoiar os governos locais a enfrentarem as ameaças, quer com intervenção militar direta de países como a França (Operação *Barkhane*) ou os EUA [através do *United States Africa Command* (USAFRICOM)], quer com operações de paz da ONU (Garcia, 2019, p. 265). Segundo Cunha (*op. cit.*), “os países do G5S estão conscientes” de que “são os militares franceses da Operação *Barkhane* aqueles que parecem



capazes de fazer frente aos GT”, acrescentando que também reconhecem que “sem essa presença e a ajuda americana – com a utilização de *drones* e a disponibilização de informações –, não teriam, por si só, capacidade para neutralizar as ações terroristas”.

Na atualidade, a influência francesa, tanto na qualidade da potência europeia com a maior presença militar em África, quer enquanto membro permanente do Conselho de Segurança (CS) da ONU, denota que a UE não opera em África como um ator de segurança independente, autónomo dos seus EM (Styan, 2017), ideia reforçada por Cunha (*op. cit.*), ao afirmar que “a problemática do Sahel tem sido tradicionalmente um exercício da França, utilizando meios diplomáticos de influência [...], de apoio ao desenvolvimento, de ajuda humanitária e ainda com os militares [...] que integram a Operação *Barkhane*, [...]”. Parece que o plano é mostrar que os franceses, até certo ponto, foram capazes de “europeizar” e internacionalizar as operações, para que não sejam mais vistas apenas como francesas (Bryant, 2021), corroborado por Cunha (*op. cit.*) quando refere que “os franceses incentivam-nos a estarmos envolvidos no Sahel, para evitar que a estratégia internacional para a região pareça aos olhos dos sahelianos como sendo unicamente francesa” (cf. Figura 10).



Figura 10 – CISahel: Pilar 1

Fonte: adaptado a partir de CISahel (2021)

No que concerne aos atores globais, os esforços que alimentam a estratégia dos EUA para África, passam pela defesa intransigente dos seus próprios interesses, nomeadamente



pela gestão de recursos e das rotas e pelo controlo do petróleo, do comércio global, dos conflitos armados e do terrorismo (Escorrega, 2010, p. 345), baseando-se na identificação do Sara como um local potencial de refúgio e treino de GT ligados ao fundamentalismo islâmico (Campos & Mattos, 2014, p. 125).

Quatro dos países que formam o G5S são hospedeiros de bases americanas, conforme Figura 11.

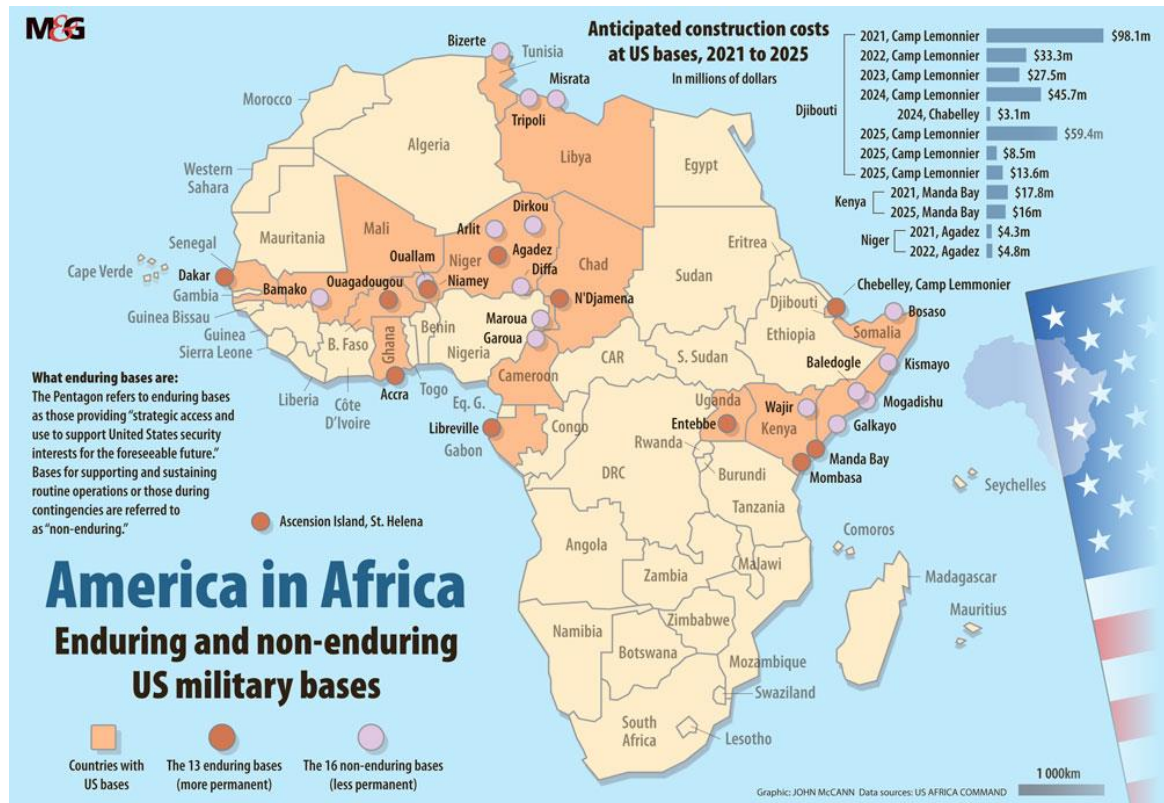


Figura 11 – Bases militares americanas no Continente africano

Fonte: Turse (2020)

A FC-G5S, apoiada pelos EUA, é um grande exemplo do enorme potencial de cooperação de segurança conjunta africana (US Embassy in Chad, 2018). As ações de contraterrorismo são consideradas pelo DoD um esforço duradouro para os próximos 10 a 20 anos (Turse, 2020). Para Christopher Karns<sup>7</sup> (Tawil, 2021), os EUA desempenham um papel de apoio diversificado aos parceiros franceses e africanos, incluindo informações, reabastecimento aéreo, transporte aéreo e treino, porque as causas do extremismo continuam a ser centrais na estratégia americana. Recentemente, o presidente Joe Biden prometeu

<sup>7</sup> Coronel Christopher Karns, Diretor do USAFRICOM Public Affairs (Tawil, 2021).



“promover uma paz e segurança duradouras” em África, mas não assumiu nenhum compromisso de segurança adicional (Andrews, 2021).

Relativamente à RPC, Huisheng, citado por Guedelha (2014, p. 336), refere que “estará disposta a estabelecer e desenvolver uma relação amistosa e cooperativa com todos, com base nos cinco princípios: respeito mútuo; não invasão; não intervenção nos assuntos internos; igualdade e reciprocidade; e coexistência pacífica”. A estratégia da RPC parece incluir o controlo dos principais recursos energéticos em África, ganhando credibilidade relativamente a potências militares (Escorrega, 2010, p. 338). Este parece ser o ponto crucial das parcerias com a RPC, considerando que, se muitos dos países africanos têm dívidas à RPC, onde se incluem os do Sahel, países pobres que terão dificuldade em pagá-las, as suas matérias-primas podem servir de moeda de troca para as saldar (Herráez, 2019, p. 208). Dos países do G5S, a dependência comercial da Mauritânia com a RPC está classificada como extremamente elevada, o Níger, como muito alta, o Chade e o Mali, alta, e apenas o Burkina Faso tem um risco de dependência baixo (COFACE, 2017). Embora os investimentos chineses em África sejam significativos para o continente, representam apenas 3% dos investimentos externos diretos da RPC no mundo (Machado, 2012, p. 90) e os países do G5S não se encontram nas suas prioridades.

Quanto à Rússia, os países do Sahel, ao enfrentarem sérias dificuldades na manutenção da ordem e da segurança e estando a confrontar-se com as cláusulas dos empréstimos chineses, percebidos como assimétricos, passam a considerar esta potência como um ator muito válido (Herráez, 2019, p. 224). A Rússia também tem tentado estabelecer pontos de apoio em África, nomeadamente através do recurso a representantes e a empresas militares privadas (Organização do Tratado do Atlântico Norte [OTAN], 2020, p. 16). Além do equipamento militar, o comércio com África nunca foi significativo, estando, contudo, interessada em recursos minerais. O apoio militar é, pois, o seu ponto forte (Muvunyi & Kane, 2020). Com a assinatura de um acordo de cooperação militar entre o Mali e a Rússia no verão de 2019, tudo indica que há a pretensão no estreitamento das relações por diversos meios, desde a venda de armas ao apoio militar (ADIT – The Bulletin, 2020). A Rússia apresenta-se como um parceiro valioso no combate ao terrorismo, conjugando esforços no estabelecimento de acordos bilaterais e multilaterais (Bugayova, N., Clark, M., Walker, M., Briere, A., Yanchuk, A. & Barros, G., 2019), como pode ser visualizado na Figura 12.



Apoiou a criação de uma unidade de contraterrorismo sob o chapéu do G5S<sup>8</sup> e aumentou as capacidades da FC-G5S, para torná-la mais eficaz, com o objetivo de obter o papel de observador na referida organização (Herráez, 2019, p. 224).

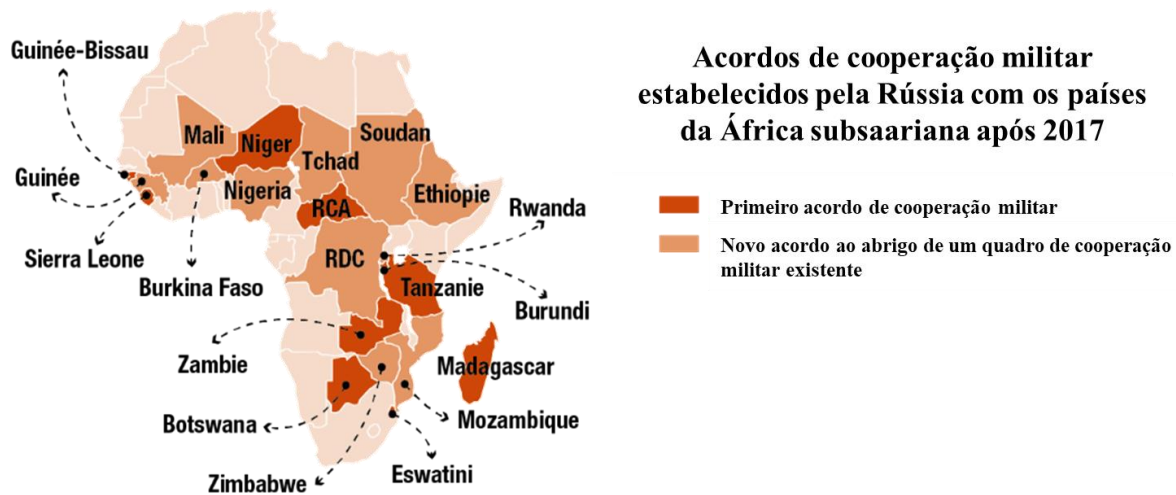


Figura 12 – Acordos de cooperação militar com a Rússia pós 2017

Fonte: adaptado de Airault (2019)

### 4.1.3 Outros atores

Loureiro dos Santos (2016, p. 85) caracterizou a quase totalidade dos conflitos do século XXI, “por serem conflitos internos de um Estado contra um ator não estatal, mais ou menos organizado, mais ou menos sólido, que, com frequência, recebe apoios operacionais de um Estado, que normalmente os nega”.

Na região mais ampla do Sahel, os GT incluem grupos afiliados do *Islamic State of Iraq and Syria-Greater Sahara* (ISIS-GS) e da Al-Qaeda (AQ), atualmente formando uma confederação designada por *Jama'at Nasr al-Islam wal Muslimin* (JNIM), bem como grupos não alinhados que expandiram as operações no norte e centro de Mali e na região da tripla fronteira do Burkina Faso, Mali e Níger (USDoD, 2019, p. 8), verificável pelos Índices Global de Terrorismo (IGT) e Global da Paz (IGP) (cf. Apêndice E). Devido à ausência dos estados e às rivalidades étnicas, esses grupos estabeleceram-se na região, proporcionando aos jovens afetados pelo desemprego e abandono escolar um rendimento resultante do tráfico

<sup>8</sup> O Representante Especial para o Médio Oriente e África, Mikhail Bogdanov, reuniu-se com um representante da FC-G5S em 25 de outubro de 2019 para discutir a cooperação para combater o ISIS e os grupos afiliados da AQ na região do Magrebe (Bugayova *et al.*, 2019).



de drogas e de armas, serviços básicos e um sentimento de comunidade (SEAE, 2020). O Níger tem sido frequentemente considerado menos invadido por grupos armados em comparação com os seus vizinhos Mali e Burkina Faso, mas enfrenta várias ameaças distintas: a do *Boko Haram* (BH) na bacia do Lago Chade; a do Sahel impulsionada pelo ISIS-GS e JNIM na região da tripla fronteira; e uma criminosa que assola a sua fronteira com a Nigéria (Nsaibia, 2021, p. 34). Apesar do lançamento da FC-G5S para coordenar as operações de contraterrorismo, à medida que a crise do Sahel se aproxima de uma década, o G5S ainda não é capaz de interromper a crescente presença terrorista na região, embora tenha potencial como mecanismo de coordenação (USDoD, 2019, p. 8). Os números de eventos e fatalidades de atos armados e organizados de violência política em 2020 ultrapassou o total de 2019 no Mali, Burkina Faso e Níger, tendência de escalada que continuou pelo quinto ano consecutivo (Nsaibia, 2021, p. 33).

#### 4.1.4 Organizações transnacionais

Outros atores podem ser referenciados na região, designadamente através da exploração dos recursos naturais. Em conformidade com os dados extraídos dos relatórios elaborados pela *The Extractive Industries Transparency Initiative* (EITI) (EITI, 2020), estão referenciadas sociedades extratoras com registo ou cotadas em pelo menos 23 países, entre os quais se destacam o Canadá (19), EUA (8), Bermudas (7), Reino Unido (5), Austrália e Malásia (4), França, RPC e Jersey (3), Espanha (2) e mais 13 países (1).

No âmbito das Organizações Não Governamentais (ONG), são de considerar grandes organizações como a “*Bill and Melinda Gates*”, destacada por Pires (*op. cit.*), “que tem feito um trabalho notável, [...] no campo da saúde [...]”, ou outras organizações no campo da educação cujos esforços “já são tão ou mais importantes que alguns Estados *per se*, pela dimensão que têm e pela posição que ocupam.”

#### 4.1.5 Síntese conclusiva e resposta à Questão Derivada 1

Pelo referido, e em resposta à QD1 – *Quais os atores presentes na região formada pelos países do G5S?*, apurou-se que estão presentes na região OI, Estados, OAT e OT.

A ONU não consegue ser eficaz por estar limitada ao mandato. No patamar seguinte, a UA delega na CEDEAO tornando esta organização regional mais determinante desde que apoiada financeiramente, designadamente pela UE. O G5S não consegue ser bem-sucedido sem o apoio militar da França, que, entre os EM é a potência europeia com o maior poderio militar em África e tem vindo a pedir uma presença reforçada da UE para compensar, não só a sua eventual redução de tropas, mas também para que a operação militar não pareça



exclusivamente francesa. Os EUA continuam a desempenhar um papel de apoio importante, designadamente informações, treino e reabastecimento e transporte aéreo. Os países do G5S não se encontram nas prioridades da RPC, apesar de já terem uma exposição considerável das respetivas dívidas, em particular a Mauritânia que é a única que consegue ter a situação securitária controlada. Daí a RPC ter uma presença mais relevante neste país. A Rússia continua a apresentar-se como um parceiro valioso no combate ao terrorismo e tem estabelecido ou renovado acordos bilaterais para venda de armas e apoio militar.

Os Grupos Jihadistas, nomeadamente o JNIM e o ISIS-GS na região da tripla fronteira e o BH na bacia do Lago Chade, aproveitam as relações frágeis entre os estados e as comunidades, instrumentalizando grupos étnicos e clivagens comunitárias.

Multinacionais capazes de garantir a sua segurança exploram os recursos naturais, enquanto a falta de estado nas áreas da saúde ou da educação levam à presença de ONG para colmatar essas debilidades. Fica, deste modo, respondida a QD1.

#### **4.2 A estratégia da União Europeia para o Sahel**

A estratégia da UE para África assenta na parceria estabelecida no ano 2000 através da primeira cimeira realizada na cidade do Cairo, com o objetivo de estreitar as relações entre os dois continentes (Escorrega, 2010, p. 333) e “insere-se num período mais longo que visa permitir [...] encontrar o caminho da estabilidade e do crescimento, e isto de acordo com valores universalmente reconhecidos” (Serrano e Neisse, *op. cit.*), relevando-se a importância de Portugal “no pioneirismo e na promoção das cimeiras UE-África como demonstração da prioridade de África para a PE de Portugal” (Dias, entrevista por *email*, 28 de março de 2021).

O objetivo estratégico inicial da ESDS, que salienta o nexo entre desenvolvimento e segurança e os quatro pilares<sup>9</sup>, onde assenta a sua execução, mantém toda a relevância e constitui um quadro global para a ação no Sahel (Reliefweb, 2015). Como refere Losada (2017, cit. por Reis, 2017), corroborado por Garcia (entrevista por *Zoom*, 27 de janeiro de 2021), “de certo modo, o documento estratégico europeu não interessa. O que interessa é o PAR para o Sahel, que tem quatro prioridades<sup>10</sup>” que “na verdade foi [...] uma espécie de especificação do que já tinha sido adotado” (Mathieu, *op. cit.*). A EIUES segue esta linha,

---

<sup>9</sup> Ver Figura 2 na pág. 2.

<sup>10</sup> (1) Luta contra a radicalização; (2) criação de condições adequadas para a juventude; (3) migração, mobilidade e a gestão das fronteiras; (4) luta contra o tráfico ilícito e a criminalidade organizada transnacional (Conselho da UE, 2015, p. 4).



onde o “EUSRS e a Comissão Europeia propõem as modalidades para pôr em prática, acompanhar e avaliar esta estratégia” (Comissão da UE, 2021).

Dos entrevistados, 86% referiram que a ESDS assentou na segurança e no desenvolvimento e 57% mencionaram que o enfoque pendeu para a segurança. Releva-se que para Cardoso (entrevista por *email*, 6 de fevereiro de 2021), a ESDS “é condicionada pela necessidade de conter tensões internas entre diversos EM sobre questões fraturantes como a imigração e a utilização de maiores volumes de ajuda, em detrimento da sua canalização para fins internos ao espaço europeu”, daí a “prioridade conferida ao financiamento de projetos dirigidos à empregabilidade dos jovens e à contenção de fluxos migratórios, a par das limitações de entrada a novos imigrantes e refugiados”. Contudo, para Pires (*op. cit.*), “existe uma ESDS, mas não existe uma política clara” e “a política da UE está refém das vontades dos seus EM que, por sua vez, estão divididos nesta questão” não disponibilizando “recursos para fazer uma estratégia ambiciosa”, pelo que “uma estratégia sem recursos é uma estratégia imoral”. A PE da UE é partilhada entre os EM e as instituições da UE, no entanto, a tomada de decisões e gestão dos instrumentos financeiros não se encontra centralizada (Pichon, 2020).

Segundo Pereira (entrevista por *MSTeams*, 28 de janeiro de 2021), “a ESDS tem um erro de base, porque a própria estratégia é construída com base nos interesses dos atores”. Entre os EM, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Portugal e Espanha, são os que contemplam a África Subsaariana nos seus documentos estratégicos (Faleg & Palleschi, 2020, p. 12). No âmbito da identificação das lacunas, verifica-se alguma dispersão de opiniões, nomeadamente: desenvolvimento (29%), porque “mais do que a ESDS as intervenções internacionais na região têm sido um desastre pela [...] concentração na dimensão militar da resposta” (Dias, *op. cit.*); falta de sincronização das diversas estratégias (36%) com “uma série de organizações regionais que coexistem, que não estão concertadas” (Pires, *op. cit.*); e alusão ao facto de o ambiente ter mudado e daí ser necessário rever a estratégia (29%), “porque se constatou que [...] a ação deve direccionar-se mais para [...] a consolidação do estado, das regras do estado de direito, dos sistemas de justiça e alargamento dos serviços sociais” (Laranjinha, entrevista por *WhatsApp*, 25 de fevereiro de 2021). Apesar da mobilização de recursos financeiros e implementação de operações civis e militares sem precedentes, a “situação de segurança, social e humanitária no Sahel continuou a piorar”<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Verificável através da análise ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (cf. Apêndice E).



(Serrano e Neisse, *op. cit.*) e Maio (*op. cit.*) evidencia que é necessário “medir o sucesso” e a UE “tem de ter mecanismos de controlo”. Para Cerviño (2019, p. 236) “ajudar a fixar a população nos seus lugares de origem será a consequência desejável de uma frutífera colaboração norte-sul para todos”, acrescentando Garcia (2019, p. 265) que “apesar do apoio internacional na manobra militar e na ajuda ao desenvolvimento, as responsabilidades primárias devem ser locais, sendo um bom exemplo as operações militares desenvolvidas pelos exércitos nacionais com o apoio internacional”.

A PPUE deverá ser aproveitada para ajudar a promover os interesses e valores da Europa no mundo, constantes da Nova Agenda Estratégica (NAE) da UE 2019-2024, onde é referido que a UE “só poderá colaborar em pé de igualdade com outras potências mundiais se evitar uma abordagem fragmentada e se se mostrar coesa, apoiando-se nos recursos da UE e dos EM”. Paralelamente, as Instituições deverão “rever os seus métodos de trabalho e refletir sobre a melhor maneira de cumprir o seu papel ao abrigo dos Tratados” (Conselho Europeu, 2019, p. 7), o que nos conduz à necessidade de sincronização, em primeiro lugar entre Instituições da UE, seguidamente entre EM e, por último, entre os atores presentes na região.

Os efeitos ambientais das mudanças climáticas, incluindo o aquecimento global e a maior frequência e gravidade de eventos climáticos extremos, deverão ter impactos profundos em países dependentes do setor primário, nomeadamente da sua capacidade de produção da qual dependem as suas economias (United Nations Conference on Trade and Development [UNCTD], 2019, p. 30). “A proximidade geográfica do Sahel também explica o motivo dos Estados do Sahel e a Europa enfrentarem muitos desafios comuns, como as alterações climáticas, a luta contra o terrorismo e o crime organizado ou as consequências da migração ilegal” (Serrano e Neisse, *op. cit.*). O terreno fértil para a desconfiança, propício à contestação e à extensão da ameaça terrorista, avança para o sul a ponto de ameaçar a estabilidade dos Estados costeiros do Golfo da Guiné (Ministère des Armées, 2021, p. 12), cuja “possibilidade de alastramento [...] à Guiné-Bissau é um quadro que não é de excluir” (Cunha, *op. cit.*).

A chegada da pandemia provocada pela COVID-19 complicou as intervenções externas no Sahel, que foram forçadas a adaptar-se no momento em que procuravam começar ou expandir-se (International Crisis Group, 2021). Devido à insegurança, 3.300 escolas foram forçadas a fechar e, em fevereiro de 2021, 13 milhões de crianças estavam sem aulas, correspondente a 55% das crianças no Níger, Mali e Burkina Faso (SEAE, 2021).



Enquanto “a mobilização da CI se está a reorganizar em torno de novos mecanismos institucionais (CISahel, P3S e AS)” (Serrano e Neisse, *op. cit.*), a UE também está a rever a sua estratégia mais ampla para o Sahel (Bryant, 2021). Ao reformular a sua ESDS, a UE quer assegurar que reflete os novos desenvolvimentos no terreno e que é orientada para os resultados (Coakley, 2021), embora enfrente uma complicação adicional, considerando que os governos do Mali e do Burkina Faso estão a explorar opções de diálogo com alguns grupos jihadistas, situação a que a UE se opôs anteriormente (Bryant, 2021).

Serrano e Neisse (*op. cit.*) anteciparam os princípios orientadores da EIUES, que tem uma abordagem multidimensional e foi aprovada pelos EM em abril de 2021. A estratégia centra-se na boa governação, na legitimidade democrática do estado e na luta contra a impunidade e a corrupção, para reforçar a confiança entre autoridades democraticamente eleitas e as populações locais. Constitui o quadro de ação, onde a política define que no curto prazo pretende a estabilização através do esforço militar, e no longo prazo o desenvolvimento daqueles países de forma sustentável nas vertentes social, ambiental e económica (Comissão da UE, 2021).

Mas para Maio (*op. cit.*), “enquanto não se resolver a situação na Líbia vai ser difícil encontrar uma solução também para o Sahel”, igualmente declarado pelo E12 (entrevista por *email*, 8 de março de 2021) ao poder “ter que ser ampliado para a perspetiva de "Sahel +", incluindo [...] também os países vizinhos do sul e talvez a Nigéria (devido ao BH, ativo no Níger e Chade)”. Para Cravinho (2020, cit. por Lusa, 2020a), “a parceria europeia com África deverá mobilizar todos os vastos e importantes recursos que a UE tem ao seu dispor para contrariar a tendência de crescente instabilidade e violência, nomeadamente no Sahel” onde “o Mali é um país charneira para a estabilidade [...], uma região muito próxima de nós, e que a instabilidade ou a existência de GT naquela região é uma ameaça direta para a Europa” (Cravinho, 2020, cit. por Lusa, 2020b).

O *Africa Peace Facility* (APF) dará lugar a um Fundo Europeu para a Paz, permitindo à UE fornecer apoio militar [...] através do financiamento direto das iniciativas militares [...], podendo incluir, pela primeira vez, equipamento letal (Fabricius, 2021), “justamente porque os diferentes investimentos que fluem da Europa em direção à região do Sahel e que estavam direcionados através da UA achavam-se com dificuldades em chegar efetivamente aos sítios onde eram necessários” (Ribeiro, *op. cit.*).



#### 4.2.1 Síntese conclusiva e resposta à Questão Derivada 2

Em resposta à QD2 – *Qual é a estratégia da UE para o Sahel?*, apurou-se que o objetivo estratégico inicial da ESDS, que salienta a correlação entre desenvolvimento e segurança, mantém toda a relevância. A crise do Sahel agudizou-se a partir de 2012 e em 2017 concentrava as crises do terrorismo, da migração, económica e ambiental. Contudo, uma solução militar por si só não trará a paz ao Sahel e, sem uma governação eficaz, os ganhos de segurança e os projetos de desenvolvimento, com ténues metas atingidas, não alcançarão os objetivos da EIUES.

Acresce que o G5S não existia quando a primeira estratégia do Sahel foi adotada. Esta estratégia depende das vontades dos seus EM que também estão divididos, não disponibilizando recursos para executar uma estratégia ambiciosa. Ao dispersarem as iniciativas, correm o risco de prejudicar a influência coletiva que os EM, no âmbito da UE, podem ter nos seus parceiros africanos, particularmente face a outros atores globais.

Ao centrar-se, sobretudo, na estabilidade militar, não existindo um verdadeiro equilíbrio com desenvolvimento e governação, a ESDS negligenciou as outras facetas da problemática, nomeadamente a ausência do estado, preponderantemente nas zonas rurais. Esta ausência criou um vazio explorado pelos jihadistas e conseqüente aumento da atividade terrorista com impacto especial na região da tripla fronteira e da bacia do Lago Chade.

Os quatro pilares em que a estratégia assenta requer sincronização, identificada como a principal lacuna. Só a sincronização, entre Instituições da UE, EM e atores presentes na região, fará com que os produtos do investimento cheguem aos locais e às pessoas que deles realmente necessitam.

A EIUES, recentemente aprovada, tem uma abordagem multidimensional, ao incluir os mecanismos integradores (CI Sahel, P3S e AS). Constitui o quadro de ação onde a política tem por objetivos: a curto prazo, a estabilização através do esforço militar; a longo prazo o desenvolvimento daqueles países de forma sustentável nas vertentes social, ambiental e económica.

Os governos dos países que formam o G5S têm de se comprometer com os resultados, que têm de ser mensuráveis, para que a UE proporcione os recursos financeiros. A constituição do Mecanismo Europeu de Apoio à Paz permitirá apoiar a FC-G5S, incluindo, pela primeira vez, equipamento letal.

Por último, a pandemia provocada pela COVID-19 complicou as intervenções externas no Sahel, que tiveram de ser adaptadas e cujos efeitos poderão ser estudados em futuras investigações, ficando, deste modo, respondida a QD2.

### 4.3 Estratégia nacional para a região do Sahel

A PE portuguesa é estável, ponderada e complexa, vinculada àquela que dimana da UE [...], e mantendo uma importante margem de autonomia e diferenciação nacional, vem consolidando um posicionamento geopolítico que pode representar-se graficamente pela imagem de quatro círculos concêntricos [...] descritos como os sucessivos espaços do nosso relacionamento, quer multilateral, quer bilateral (Silva, 2019, pp. 5 - 6), consubstanciados na Figura 13. “Portugal não tem uma política definida só numa perspetiva. Não é só bilateral, não é só multilateral, é a soma de ambas e essas é que fazem sentido”, sendo que “uma complementa a outra” (Pires, *op. cit.*).

O primeiro círculo é desenhado pela geografia, pela história e decorrente do alinhamento geoestratégico, [...], onde se situam a UE, a OTAN e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e onde Portugal se integra (p. 6).

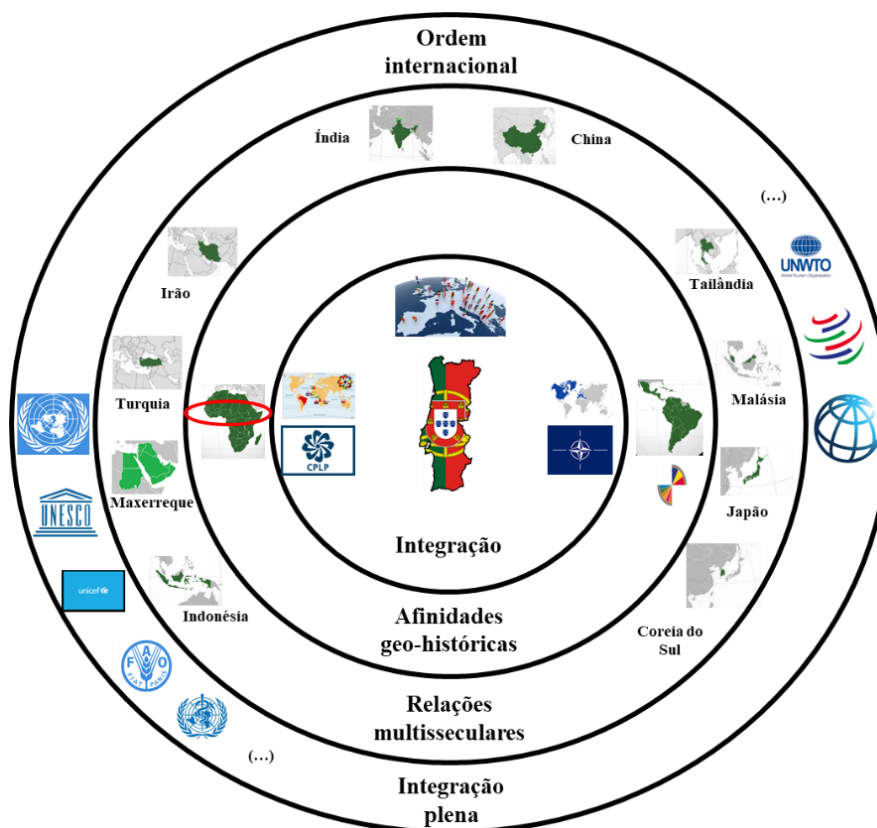


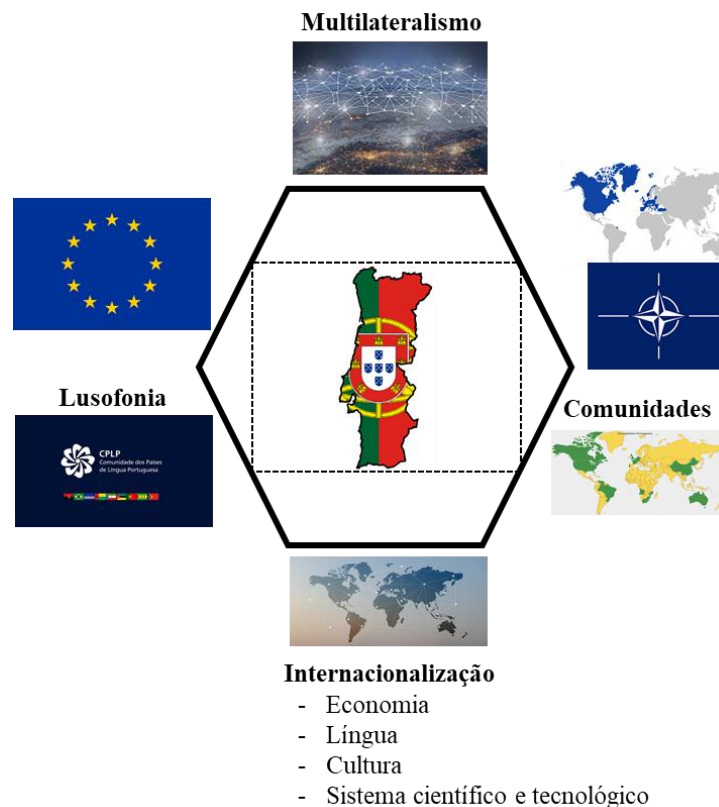
Figura 13 – Posicionamento geoestratégico de Portugal

Fonte: Adaptado a partir de Silva (2019)



O círculo de afinidades geo-históricas, construído, quer na longa duração das relações políticas e sociais, quer por decisões enformadoras da PE da democracia portuguesa, inclui África (onde tem surgido, mais recentemente, em direção ao Sahel e à África Central, sobretudo por questões de paz, segurança e capacitação institucional) e a América Latina (p. 7). Outro círculo congrega grandes regiões e países com os quais Portugal mantém relações multisseculares, em geral caracterizadas pela não conflitualidade, a facilidade de relacionamento e o respeito mútuo (p. 8). Todos estes círculos concêntricos de relacionamento [...] estrutural fazem sentido no quadro mais geral, que é a ordem internacional fundada em regras e a sua organização universal, a ONU (p. 9).

Desenhadas na média e longa duração, as linhas e áreas destes círculos não são estáticas. E o mesmo se passa com a forma como interagem. O primeiro círculo é “íntimo” e prioritário por razões geo-históricas e geoestratégicas (correspondendo a quatro partes do hexágono que ilustra a nossa política externa: Europa, elo atlântico, “lusofonia” – CPLP e comunidades); e o quarto círculo torna a ser “íntimo” e prioritário por razões geopolíticas (correspondendo ao sexto lado desse hexágono, o empenhamento multilateralista) (Silva, 2019, p. 10) (cf. Figura 14).



**Figura 14 – Política externa portuguesa**

Fonte: Adaptado a partir de Silva (2019)



Portugal tem interesses estratégicos diretos no “grande arco que vai do Magrebe, do Sahel e da África Central até à Ásia Central e constitui uma fronteira de segurança para a UE de que somos membros” (Silva, 2019, p. 27), “tem uma estratégia muito importante que é a base da lusofonia” (Garcia, *op. cit.*), referida por 93% dos entrevistados, mas como refere Pires (*op. cit.*) “está a afirmar uma certa propensão para olhar para África como um todo” e no caso do Sahel tem um Representante Especial para acompanhar a evolução política, económica, social e de segurança no conjunto dos países do Sahel (cf. Figura 15).



Figura 15 – Representantes diplomáticos para o Sahel

Fonte: adaptado a partir de CSIS (2020)

Como refere Silva (2020),

Portugal tem uma PE própria. Tem de tê-la; e não abdica de tê-la. [...] Não se trata de saber se é o nosso valor na Europa que depende do valor fora da Europa ou se é o nosso valor fora da Europa que depende do valor na Europa: são as duas coisas ao mesmo tempo, não fazendo sentido separá-las.

O Conceito Estratégico de Defesa Nacional (CEDN) “define os aspetos fundamentais da estratégia global a adotar pelo Estado para a consecução dos objetivos da política de segurança e defesa nacional” (Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2013, de 05 de abril, 2013, p. 1981) e relativamente à África subsaariana, “Portugal, quer bilateralmente, quer no quadro da UE e internacional, deve ajudar a promover processos de integração económica e política regional” (p. 1984).

As relações bilaterais de defesa entre Portugal e os países do G5S apenas estão enquadradas para a Mauritânia através do Acordo Bilateral de Defesa assinado em outubro



de 2010 (Defesa, 2021). Acresce que nenhum dos países tem representação diplomática residente. O embaixador residente em Dakar (Senegal) é simultaneamente não residente no Burkina Faso, Mali e Mauritânia e o residente em Abuja (Nigéria) é coincidentemente não residente no Chade e no Níger (Portal Diplomático, 2020b). Tal está em consonância com o facto de 93% dos entrevistados referirem que a estratégia portuguesa para África está focalizada nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e haver unanimidade que a estratégia portuguesa para o Sahel se enquadra no quadro multilateral, da UE e da ONU. “Tudo isto faz parte de uma coerência e de um *leverage* que um país pequeno [...] não teria [...] em que atua tanto no Golfo da Guiné, como no Sahel, como nos restantes países de África” (Pires, *op. cit.*) e isso traz vantagens estratégicas pelo reconhecimento e credibilidade, mencionadas, respetivamente, por 71% e 29% dos entrevistados.

Para Cravinho (2020, cit. por Ribeiro, 2020), a situação de Cabo Delgado não pode “ser isolada da crescente preocupação sobre o Sahel” até porque “há uma centralidade do Sahel para a Europa no seu todo. A Estónia ou a República Checa, países [...] sem grande tradição africana, já entenderam que a sua segurança depende da estabilidade naquelas zonas”. Portugal, pelo seu posicionamento, poderá ter aqui um papel importante, nomeadamente no decorrer da PPUE, “tendo como prioridades a europa social, o pacto para a europa verde, a transição digital e a relação entre a Europa e África” (XXII Governo Constitucional, 2019), reafirmado por António Costa (2021) na Cimeira do G5 Sahel de 16 de fevereiro de 2021. Para o Almirante Silva Ribeiro (2021, cit. por Gomes, 2021), o comando da missão na República Centro Africana (RCA) é “um sinal claro do empenhamento de Portugal em prol da segurança em África”, é ainda prova do contributo nacional, no quadro da UE, o que “assume particular relevo no momento em que o nosso país detém a PPUE”.

Relativamente aos países lusófonos em África, “Portugal tem uma relação preferencial, e organismos que pragmatizam isso, nomeadamente a CPLP” e em termos multilaterais, “fundamentalmente através da nossa participação em duas organizações, que são a UE e a ONU” (Ribeiro, *op. cit.*), resumindo-se o contributo nacional para o Sahel aos “domínios político e militar” (Pereira, *op. cit.*). De forma explícita ou implícita, o domínio político é referido por 86% dos entrevistados, enquanto o militar é referido por 93%. Quanto às restantes dimensões, são mencionadas através da UE, sendo a económica referida por 29% dos entrevistados, a social por 21% e a ambiental por apenas 14%.



### **4.3.1 Síntese conclusiva e resposta à Questão Derivada 3**

Em resposta à QD3 – *Qual é a estratégia nacional para a região do Sahel?*, apurou-se que a PE portuguesa é estável, ligada àquela que dimana da UE. Mantendo uma importante margem de autonomia e diferenciação nacional, tem uma relação preferencial com os países lusófonos, afirmando uma certa propensão para olhar para África como um todo. Mais recentemente, dirigiu-se para o Sahel, sobretudo por questões de paz, segurança e capacitação institucional.

Portugal está presente na linha de defesa sul da Europa, afirmando um empenhamento multilateralista, seja pela integração na UE decorrente do alinhamento geoestratégico, seja num quadro mais geral da ONU.

À sua dimensão, Portugal assume-se como um ator importante no Sahel: no domínio militar, com mais recursos diretos, onde tem participado e, inclusivamente, já liderou a EUTM Mali; no domínio político, é um dos EM que tem um Representante Especial para acompanhar a evolução dos países da região. A credibilidade alavancada nos domínios referidos, avaliza a capacidade de influência, no seio da UE, das decisões dos EM relativamente a África, nos pontos de vista: económico e ambiental, através da promoção da afetação de recursos por via multilateral; social, sendo Portugal um país de natureza humanista e universal, com experiência em África, através de organizações existentes ou criação de outras que possam trabalhar nesses países.

Do ponto de vista do multilateralismo e da cooperação, no âmbito das OI de segurança e defesa a que pertence, Portugal está, incontornavelmente, ativo em todas as dimensões, ficando, deste modo, respondida a QD3.

### **4.4 O posicionamento de Portugal, no quadro da estratégia da União Europeia para o Sahel e resposta à Questão Central**

Em resposta à QC – *Qual é o posicionamento de Portugal no quadro da estratégia da UE para o Sahel?*, apurou-se que se caracteriza por um empenhamento multilateralista resultante do reconhecido envolvimento militar nas missões da ONU e da UE, mas também como EM com interesses em África e com fronteiras próximas do continente africano. Acresce que, através da PPUE, o envolvimento político português poderá conduzir à melhoria da sincronização dos esforços, tão importante pelo facto dos EM e das próprias instituições da UE carecerem de uma efetiva conjugação de esforços e, neste âmbito, Portugal tem uma palavra a dizer. Tem-no feito nos diversos fóruns e pode estimular a execução da EIUES aprovada.



Releva-se que a França, como principal EM impulsionador, pretende tornar a questão mais “europeia”. Organizou cimeiras que introduziram mecanismos de resposta (CISahel, P3S e AS), para que a segurança (pilar sob liderança francesa) e o desenvolvimento andem lado a lado, acrescentando o compromisso dos Estados que formam o G5S. Portugal está presente, à sua dimensão e relevância, nas dimensões militar e política. A UE tem de falar a uma só voz, tendo por base a EIUES e Portugal, por via do multilateralismo que caracteriza a sua PE, no decorrer a PPUE, pode ser um elemento-chave, tendo em vista a necessária sincronização de estratégias, ficando, deste modo, respondida a QC.



## 5. Conclusões e Recomendações

O Sahel é uma área importante para a UE, que apesar de todos os apoios, continua a confrontar-se com uma situação complexa, alvo de uma diversidade de estratégias, de âmbito bilateral e multilateral, cuja dessincronização conduz a resultados pouco eficazes. Numa região onde estão presentes OI, Estados, OAT e OT, os novos mecanismos institucionais (CISahel, P3S e AS) introduzidos na EIUES requerem uma abordagem multidimensional, centrada na boa governação, para chegar às populações e com o comprometimento dos governos dos Estados do G5S. Portugal no quadro da ESDS/EIUES tem um empenhamento multilateralista fruto de uma PE estável e ligada àquela que dimana da UE. À sua dimensão, nos domínios militar e político, é um ator reconhecido e importante, o que lhe dá credibilidade para influenciar, no seio da UE, as decisões dos EM relativamente a África. Deste modo, importa avaliar o posicionamento de Portugal no quadro da ESDS/EIUES, pelo que este estudo constitui o objeto da investigação.

O procedimento metodológico que norteou este trabalho caracteriza-se por um raciocínio dedutivo baseado numa estratégia qualitativa e no estudo de caso como desenho de pesquisa. Os dados foram obtidos através de documentos disponíveis em fontes abertas, bem como mediante a condução de entrevistas (*email* e *videoconferência*) aos participantes na investigação.

Para a consecução do OG e resposta à QC foram constituídos três OE que deram origem a outras tantas QD.

Relativamente ao OE1 – *Caracterizar os atores presentes na região formada pelos países do G5S*, o estudo permitiu concluir, em resposta à correspondente QD1, que estão presentes na região OI, Estados, OAT e OT. A ONU não consegue ser eficaz por estar limitada ao mandato. A UA delega na CEDEAO, tornando esta organização regional determinante desde que apoiada financeiramente, designadamente pela UE. O G5S é uma solução africana para um problema africano, contudo, não consegue ser bem-sucedida sem o apoio militar da França que é a potência europeia mobilizadora e com a maior presença militar em África. As causas do extremismo mantêm a centralidade da estratégia dos EUA que continuam a desempenhar um papel de apoio. A RPC não tem os países do G5S nas suas prioridades e a Rússia, interessada em recursos minerais, explorados por multinacionais, pode oferecer apoio militar e esse é o seu ponto forte, continuando a apresentar-se como um parceiro de contraterrorismo eficaz. Os GT aproveitam as relações frágeis entre os estados e as comunidades, para instrumentalizar grupos étnicos e clivagens comunitárias.



No respeitante ao OE2 – *Analisar a estratégia da UE para o Sahel*, e de molde a responder à inerente QD2, concluiu-se que, numa região que concentra as crises do terrorismo, da migração, económica e ambiental, o objetivo estratégico inicial da ESDS que salienta a conexão entre desenvolvimento e segurança mantém toda a relevância. Contudo, uma solução militar por si só não trará a paz ao Sahel e, sem uma governação eficaz, os ganhos de segurança e os projetos de desenvolvimento, com ténues metas atingidas, não alcançarão os objetivos da EIUES. Os quatro pilares em que a estratégia assenta e os novos mecanismos, agora inseridos na EIUES (CI Sahel, P3S e AS), requerem sincronização das Instituições da UE, dos EM e dos atores presentes na região para fazer chegar os produtos do investimento aos locais e às pessoas que deles realmente precisam e para os efeitos que são necessários.

A EIUES constitui o quadro de ação, onde a política define que no curto prazo pretende a estabilização através do esforço militar, e, no longo prazo, o desenvolvimento daqueles países de forma sustentável nas vertentes social, ambiental e económica. É imperativo que os governos dos países do G5S se comprometam com os resultados, que têm de ser mensuráveis, para que a UE lhes proporcione os recursos financeiros.

No que concerne ao OE3 – *Analisar a estratégia nacional para o Sahel*, e para responder à inerente QD3, concluiu-se que a PE portuguesa é estável, ligada àquela que dimana da UE e mantém uma importante margem de autonomia e diferenciação nacional. Tendo uma relação preferencial com os países lusófonos, afirma uma certa propensão para olhar para África como um todo, dirigindo-se, mais recentemente, para o Sahel, sobretudo por questões de paz, segurança e capacitação institucional. Portugal está presente, do ponto de vista do multilateralismo, na linha de defesa sul da Europa, onde à sua dimensão, é um ator importante nos domínios militar e político, que lhe dá credibilidade para influenciar, no seio da UE, as decisões dos EM relativamente a África.

Face ao exposto, considerando o OG – *Avaliar o posicionamento de Portugal no quadro da estratégia da UE para o Sahel*, e em resposta à conseqüente QC, concluiu-se que o posicionamento de Portugal no quadro da ESDS se caracteriza por um empenhamento multilateralista resultante do envolvimento militar na MINUSMA, EUTM Mali e nas missões civis EUCAP Sahel Mali e Níger. Acresce ainda que, como EM, com interesses em África, com fronteiras próximas do continente africano e em particular, através da PPUE, poderá dar um incremento assinalável na sincronização dos esforços.



A presente investigação contribui para o conhecimento ao acrescentar mais evidência ao papel de Portugal no seio da UE, fruto da credibilidade e reconhecimento alcançados que, no plano internacional, tem um empenhamento multilateralista. Fornece, igualmente, algumas pistas para a necessária melhoria da sincronização das estratégias dos EM, bem como, para uma melhor compreensão da conflitualidade na região do Sahel.

Como limitação, assinala-se não ter sido possível obter o contributo de entidades de reconhecido saber pertencentes aos países do G5S, AFRICOM e UA, o que se considera ter sido colmatado através de pesquisa documental disponível em fontes abertas e sobretudo pela qualidade do conhecimento das entidades entrevistadas, que permitiram antecipar as bases da EIUES aprovada em 19 de abril de 2021.

É possível identificar outras temáticas que se podem materializar em pesquisas futuras, designadamente: a crise global, decorrente da Pandemia motivada pelo COVID-19, afeta os países envoltos em conflitos. Em primeiro lugar, a própria pandemia corre o risco de exacerbar as desigualdades e sobrecarregar ainda mais os grupos já vulneráveis em sociedades afetadas por conflitos. Em segundo lugar, as partes locais e externas do conflito são rápidas a capitalizar várias oportunidades que surgem das respostas políticas à crise, que também complicam os esforços de paz e gestão de crises. Terceiro, as consequências económicas colocam forte pressão sobre as já fracas instituições do estado e prejudicam os resultados da governação (aumentando assim o risco de conflito).



## Referências bibliográficas

- ADIT - The Bulletin. (2020, 16 de janeiro). Mali and Russia strengthen defence ties. [Página Online] Retirado de: <https://www.defenceweb.co.za/joint/diplomacy-a-peace/mali-and-russia-strengthen-defence-ties/> [Acedido em 8 dezembro 2020].
- Africa Center for Strategic Studies [ACSS]. (2020). *Grupos Africanos de Militantes Islâmicos Estabelecem Recorde de Atividade Violenta*. [Página Online] Retirado de: <https://africacenter.org/pt-pt/spotlight/grupos-africanos-de-militantes-islamicos-estabelecem-recorde-de-atividade-violenta/> [Acedido em 17 março 2021].
- Africa Defense Forum [ADF]. (2018). *Saving the Sahel*. [Página Online] Retirado de: <https://adf-magazine.com/2018/10/saving-the-sahel/> [Acedido em 11 abril 2021].
- Airault, P. (2019, 24 de outubro). Quand le «grand ours» Poutine joue les sauveurs de l’Afrique. [Página Online] Retirado de: <https://www.lopinion.fr/edition/international/quand-grand-ours-poutine-joue-sauveurs-l-afrique-201184> [Acedido em 28 novembro 2020].
- Andrews, F. (2021, 16 de fevereiro). Why the US’s counterterrorism strategy in the Sahel keeps failing. [Página Online] Retirado de: <https://mg.co.za/africa/2021-02-16-why-the-uss-counterterrorism-strategy-in-the-sahel-keeps-failing/> [Acedido em 18 fevereiro 2021].
- AS. (2020). The Sahel Alliance [Página Online]. Retirado de <https://www.alliance-sahel.org/en/sahel-alliance/> [Acedido em 1 novembro 2020].
- Biden, J. (2021, fevereiro). Remarks by President Biden on America’s Place in the World. [Página Online] Retirado de: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/02/04/remarks-by-president-biden-on-americas-place-in-the-world/> [Acedido em 21 fevereiro 2021].
- Bryant, L. (2021). For France and Sahel Partners, Many Ideas Emerging But No Clear Strategy. [Página Online] Retirado de: <https://www.voanews.com/africa/france-and-sahel-partners-many-ideas-emerging-no-clear-strategy> [Acedido em 25 fevereiro 2021].
- Bugayova, N., Clark, M., Walker, M., Briere, A., Yanchuk, A. & Barros, G. (2019, 8 de novembro). The Kremlin's Inroads After the Africa Summit. [Página Online] Retirado de: <http://www.understandingwar.org/backgrounder/kremlins-inroads-after-africa-summit#Security> [Acedido em 06 dezembro 2020].



- Buzan, B., Waever, O. & Wilde, J. d. (1998). *Security. A new framework for analysis*. Boulder, Colorado 80301: Lynne Rienner Publishers, Inc.
- Calado, S. & Ferreira, S. (2005). Análise de documentos: método de recolha e análise de dados [Página *online*]. Retirado de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>
- Campbell, J. (2017, 29 dezembro). G5 Sahel: An African (and French) Solution to an African Problem. [Página Online] Retirado de: <https://www.cfr.org/blog/g5-sahel-african-and-french-solution-african-problem> [Acedido em 30 janeiro 2021].
- Campos, R. D. E., & Mattos, F. P. de. (2014). Os Estados Unidos e a região do Magreb-Sahel: securitização, militarização e terrorismo. *Leviathan (São Paulo)*, (8), 124-150. Retirado de <https://doi.org/10.11606/issn.2237-4485.lev.2014.132348>
- Cerviño, F. J. D. (2019). Conclusiones. Cuadernos de Estrategia, 202(libro-e), pp. 235-236. Retirado de [http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE\\_202\\_El\\_sahel\\_y\\_g5\\_desafios\\_y\\_oportunidades.pdf](http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE_202_El_sahel_y_g5_desafios_y_oportunidades.pdf) [Acedido em 6 dezembro 2020]
- CISahel. (2021). La coalition [Página *Online*]. Retirado de <https://www.coalition-sahel.org/coalition-pour-le-sahel/> [Acedido em 17 abril 2021]
- Coakley, A. (2021, 30 de março). EU's moral dilemma in the Sahel [Página *Online*]. Retirado de [https://www.politico.eu/article/eu-sahel-africa-moral-dilemma/?utm\\_source=RSS\\_Feed&utm\\_medium=RSS&utm\\_campaign=RSS\\_Syndication](https://www.politico.eu/article/eu-sahel-africa-moral-dilemma/?utm_source=RSS_Feed&utm_medium=RSS&utm_campaign=RSS_Syndication) [Acedido em 4 abril 2021].
- COFACE. (2017, 28 de dezembro). Os interesses da China na África Subsariana: são necessários esforços para reequilibrar as relações bilaterais [Página Online] Retirado de: <https://www.coface.pt/Noticias-e-Publicacoes/Noticias/Os-interesses-da-China-na-Africa-Subsariana-sao-necessarios-esforcos-para-reequilibrar-as-relacoes-bilaterais> [Acedido em 10 janeiro 2021].
- Comissão Europeia. (2020, 24 de julho). Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões sobre a estratégia da UE para a União da Segurança [PDF]. Retirado de <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52020DC0605&from=PT> [Acedido em 21 novembro 2020].



Conselho da UE. (2015). *EU Sahel Strategy Regional Action Plan 2015-2020*. [PDF] Retirado de: <https://reliefweb.int/report/world/eu-sahel-strategy-regional-action-plan-2015-2020> [Acedido em 09 fevereiro 2021].

Conselho da UE. (2021). *Estratégia integrada da União Europeia para o Sael. Conclusões do Conselho (16 de abril de 2021)*. [PDF] Retirado de: <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2021/04/19/sahel-council-approves-conclusions-on-the-eu-s-integrated-strategy-in-the-region/> [Acedido em 22 abril 2021].

Conselho Europeu. (2017, 30 de novembro). Remarks by President Donald Tusk at the press conference of the 5th African Union-European Union summit [Página *Página Online*]. Retirado de <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2017/11/30/remarks-by-president-donald-tusk-at-the-press-conference-of-the-5th-african-union-european-union-summit/> [Acedido em 18 novembro 2020].

Conselho Europeu. (2019). UMA NOVA AGENDA ESTRATÉGICA PARA 2019-2024. [PDF]. Retirado de <https://infoeuropa.eu/rocid.pt/registo/000082674/documento/0001/> [Acedido em 12 dezembro 2020].

Conselho Europeu. (2020, 28 de abril). Déclaration conjointe des membres du Conseil européen avec les États membres du G5 Sahel [Página *Online*]. Retirado de <https://www.consilium.europa.eu/fr/press/press-releases/2020/04/28/joint-declaration-of-the-members-of-the-european-council-with-the-member-states-of-the-g5-sahel/> [Acedido em 25 outubro 2020].

Couto, A. C. (1988). *Elementos de Estratégia. Apontamentos para um curso. Vol I*. Lisboa: IAEM.

CSIS. (2020, 22 de dezembro). Rethinking Crisis Responses in the Sahel [Página *Online*]. Retirado de <https://www.csis.org/analysis/rethinking-crisis-responses-sahel> [Acedido em 25 abril 2021].

Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro (2015). *Aprova a orgânica do ensino superior militar e consagra as suas especificidades no contexto do ensino superior. Aprova ainda o Estatuto do Instituto Universitário Militar (IUM)*. Diário da República, 1.<sup>a</sup> Série, 211, 9298 - 9311. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.

Defesa Nacional. (2020, 2 de setembro). Ministro da Defesa participou em reunião da Coligação para o Sahel [Página *Online*]. Retirado de



<https://www.defesa.gov.pt/pt/comunicacao/noticias/Paginas/Ministro-da-Defesa.aspx>

[Acedido em 25 outubro 2020].

Defesa. (2021). Relações bilaterais. [Página Online] Retirado de:

<https://www.defesa.gov.pt/pt/pdefesa/rb/Paginas/default.aspx> [Acedido em 11 janeiro 2021].

Department of Defense [DoD]. (2018). *US Department of Defense* [PDF]. Retirado de

<https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf> [Acedido em 07 dezembro 2020].

EITI. (2020). The global standard for the good governance of oil, gas and mineral resources.

[Página Online] Retirado de: <https://eiti.org/countries> [Acedido em 31 dezembro 2020].

Encyclopaedia Britannica (2020, 26 de maio). Sahel [Página Online]. Retirado de

<https://www.britannica.com/place/Sahel> [Acedido em 18 novembro 2020].

Escorrega, L. (2010). Estratégias Americana para África: A importância do Golfo da Guiné.

*Estratégia*, Volume xix, pp. 345-361.

European Council on Foreign Relations. (2019). Mapping Armed Groups in Mali and the

Sahel. [Página Online] Retirado de: [https://ecfr.eu/special/sahel\\_mapping/united\\_nations\\_minusma#menuarea](https://ecfr.eu/special/sahel_mapping/united_nations_minusma#menuarea) [Acedido em 22 fevereiro 2021].

Fabricius, P. (2021, 5 de fevereiro). EU peace and security funds can now bypass the African

Union. [Página Online] Retirado de: <https://issafrica.org/iss-today/eu-peace-and-security-funds-can-now-bypass-the-african-union> [Acedido em 10 fevereiro 2021].

Faleg, G. & Palleschi, C. (2020). *African Strategies*. [PDF] Retirado de:

<https://www.iss.europa.eu/content/african-strategies> [Acedido em 03 fevereiro 2021].

Ferreira, P. M. (2014). “Estados Frágeis” em África. *A Intervenção Externa nos Processos de Construção do Estado (statebuilding) e da Paz (peacebuilding)*. [versão PDF]

Retirado de: [https://www.academia.edu/6651149/Estados Fr%C3%A1geis em %C3%81frica a Interven%C3%A7%C3%A3o Externa nos processos de constru%C3%A7%C3%A3o do Estado Statebuilding e da Paz Pea cebuilding](https://www.academia.edu/6651149/Estados_Fr%C3%A1geis_em_%C3%81frica_a_Interven%C3%A7%C3%A3o_Externa_nos_processos_de_constru%C3%A7%C3%A3o_do_Estado_Statebuilding_e_da_Paz_Peacebuilding) [Acedido em 25 outubro 2020].

FC-G5S. (2019). Force Conjointe G5 Sahel. [Página Online] Retirado de:

<https://www.facebook.com/forceg5sahel/> [Acedido em 30 março 2021].

G5S. (2021). G5 Sahel [Página Online]. Retirado de

<https://www.g5sahel.org/presentation> [Acedido em 20 março 2021].



- Garcia, F. P. (2019). *ÁFRICA E AS AMEAÇAS À SUA SEGURANÇA*. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, 8 (n.16, Jul./Dez.), pp. 254-276, Retirado de <https://www.seer.ufrgs.br/austral/article/viewFile/84807/54816> [Acedido em 25 outubro 2020].
- Gomes, H. (2021, 5 de fevereiro). Mais de 2000 militares formados em missão comandada por Portugal. *Expresso* n.º 2519, p. 17.
- Gouveia, T. P. (2020, 20 de novembro). Repensar a Europa. *Expresso* n.º 2508, p. 5.
- Guedelha, M. (2014). Conflitualidade em África. Implicações na Estratégia de Portugal. *Estudos Estratégicos*, Coleção "ARES", 1, 323-349.
- Herráez, P. S. (2019). Los «nuevos» actores en el Sahel. *Cuadernos de Estrategia*, 202 (libro-e), pp. 183-234. Retirado de [http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE\\_202\\_El\\_sahel\\_y\\_g5\\_desafios\\_y\\_oportunidades.pdf](http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE_202_El_sahel_y_g5_desafios_y_oportunidades.pdf) [Acedido em 6 dezembro 2020].
- IEP. (2019). Vision of humanity. [Página Online] Retirado de: <https://www.visionofhumanity.org/maps/#/> [Acedido em 23 janeiro 2021].
- IEP. (2020). *Global Terrorism Index 2020*. [PDF] Retirado de: <https://www.economicsandpeace.org/reports/> [Acedido em 31 dezembro 2020].
- Instituto Minere. (2020). As 100 maiores mineradoras do mundo em valor de mercado. [Página Online] Retirado de: <https://institutominere.com.br/blog/as-100-maiores-mineradoras-do-mundo-em-valor-de-mercado> [Acedido em 02 janeiro 2021].
- International Crisis Group. (2021, 1 de fevereiro). A Course Correction for the Sahel Stabilisation Strategy. [Página Online] Retirado de: <https://www.crisisgroup.org/africa/sahel/299-course-correction-sahel-stabilisation-strategy> [Acedido em 10 fevereiro 2021].
- IUM. (2020, fevereiro). *Regras de Apresentação e Referenciação para os Trabalhos Escritos a Realizar no IUM* (NEP / INV – 003 (O)). Lisboa: IUM
- Loannides, I. (2020). Peace and security in 2020. Evaluating the EU approach to tackling the Sahel conflicts EPRS | European Parliamentary Research Service [PDF]. Retirado de [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2020/654173/EPRS\\_STU%282020%29654173\\_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2020/654173/EPRS_STU%282020%29654173_EN.pdf) [Acedido em 19 novembro 2020].
- Lusa. (2020a, 27 de novembro). Ministro da Defesa assume reforço da parceria com África como prioridade da presidência da UE. [Página Online] Retirado de: <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/ministro-da-defesa-assume->



[reforco-da-parceria-com-africa-como-prioridadeda-presidencia-da-ue](#) [Acedido em 31 dezembro 2020].

Lusa. (2020b, 31 de dezembro). Ministro da Defesa quer mobilizar UE na presidência portuguesa para importância de missões no Mali. [Página Online] Retirado de: [https://www.lusa.pt/article/YwOfa1zOk\\_8KZket3EiXjTMSZM5iuSII/ministro-da-defesa-quer-mobilizar-ue-na-presid%C3%A2ncia-portuguesa-para-import%C3%A2ncia-de-miss%C3%B5es-no-mali](https://www.lusa.pt/article/YwOfa1zOk_8KZket3EiXjTMSZM5iuSII/ministro-da-defesa-quer-mobilizar-ue-na-presid%C3%A2ncia-portuguesa-para-import%C3%A2ncia-de-miss%C3%B5es-no-mali) [Acedido em 31 dezembro 2020].

Machado, L. W. (2012). As grandes potências em direção aos recursos naturais subsaarianos: participação nos conflitos locais (Dissertação de Mestrado em economia política internacional) Universidade Federal do Rio De Janeiro. [PDF] Retirado de: <https://www.ie.ufrj.br/pos-graduacao-j/pos-graduacao-em-economia-politica-internacional/dissertacoes-e-teses.html> [Acedido em 08 janeiro 2021].

Ministère de L'Europe et des Affaires Étrangères. (2020, 18 de junho). A Coligação para o Sahel, uma resposta colectiva e solidária [Página Online]. Retirado de <https://ao.ambafrance.org/A-Coligacao-para-o-Sahel-uma-resposta-colectiva-e-solidaria-1200> [Acedido em 25 outubro 2020].

Ministère des Armées. (2017). *Revue stratégique de défense et de sécurité nationale 2017*. [Página Online] Retirado de: <https://www.defense.gouv.fr/dgris/politique-de-defense/revue-strategique-2017/revue-strategique> [Acedido em 21 fevereiro 2021].

Ministère des Armées. (2021). *Actualisation stratégique 2021*. [PDF] Retirado de: <https://www.defense.gouv.fr/dgris/presentation/evenements/actualisation-strategique-2021> [Acedido em 21 fevereiro 2021].

Muvunyi, F. & Kane, M. (2020, 27 de agosto). Estará a Rússia por trás do golpe de Estado no Mali?. [Página Online] Retirado de: <https://www.dw.com/pt-002/estar%C3%A1-a-r%C3%BAssia-por-tr%C3%A1s-do-golpe-de-estado-no-mali/a-54711585> [Acedido em 08 janeiro 2021].

Neves, J. C. d. (2021, janeiro). Economia Internacional: a estrutura da economia mundial e a União Europeia. Em: IUM, *Economia e Finanças*. Conferência organizada pelo IUM, Lisboa

Nsaibia, H. (2021). The Sahel: Insurgency and fragile politics at the center of an unabated crisis. Ten conflicts to worry about in 2021, fevereiro de 2021, 33-34. Retirado de: <https://acleddata.com/2021/02/02/ten-conflicts-to-worry-about-in-2021/> [Acedido em 08 fevereiro 2021].



- Organização do Tratado do Atlântico Norte [OTAN]. (2020). *NATO 2030: United for a New Era*. [PDF] Retirado de: [https://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/2020/12/pdf/201201-Reflection-Group-Final-Report-Uni.pdf](https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2020/12/pdf/201201-Reflection-Group-Final-Report-Uni.pdf) [Acedido em 07 janeiro 2021].
- Pichon, E. (2020). Understanding the EU Strategy for the Sahel. September. EPRS | European Parliamentary Research Service [PDF]. Retirado de [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2020/652050/EPRS\\_BRI\(2020\)652050\\_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2020/652050/EPRS_BRI(2020)652050_EN.pdf) [Acedido em 25 novembro 2020].
- Pires, N. L. (2020). *Civilização Quântica. Um caminho possível para tempos incertos*. Alcochete: Nexo Literário.
- PNUD Brasil. (2021a). Desenvolvimento Humano e IDH. [Página Online] Retirado de: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html> [Acedido em 13 janeiro 2021].
- PNUD Brasil. (2021b). O que é Desenvolvimento Humano. [Página Online] Retirado de: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-desenvolvimento-humano.html> [Acedido em 13 janeiro 2021].
- Portal Diplomático. (2020a, 13 de junho). Teresa Ribeiro na videoconferência internacional da Coligação para o Sahel [Página Online]. Retirado de <https://www.portaldiplomatico.mne.gov.pt/comunicacao-e-media/noticias/teresa-ribeiro-na-videoconferencia-internacional-da-coligacao-para-o-sahel> [Acedido em 25 outubro 2020].
- Portal Diplomático. (2020b). *Relações bilaterais de Portugal com outros Estados*. [Página Online] Retirado de: <https://www.portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/paises#B> [Acedido em 12 janeiro 2021].
- R4Sahel. (2021, 30 abril). Sahel Crisis. [Página Online] Retirado de: [https://data2.unhcr.org/en/situations/sahelcrisis#\\_ga=2.32002043.496885834.1616100281-1855931832.1616100281&\\_gac=1.82390372.1616100284.CjwKCAjw9MuCBhBUEiwAbDZ-7oroCJdOW1ez0ZshWXMIGdy22dHniY\\_MqckQFR3rzELWOPwmTFMLKBoCI98QAvD\\_BwE](https://data2.unhcr.org/en/situations/sahelcrisis#_ga=2.32002043.496885834.1616100281-1855931832.1616100281&_gac=1.82390372.1616100284.CjwKCAjw9MuCBhBUEiwAbDZ-7oroCJdOW1ez0ZshWXMIGdy22dHniY_MqckQFR3rzELWOPwmTFMLKBoCI98QAvD_BwE) [Acedido em 05 maio 2021].
- Raleigh, C. (2021). FOREWORD. Ten conflicts to worry about in 2021, fevereiro de 2021, 2. Retirado de: <https://acleddata.com/2021/02/02/ten-conflicts-to-worry-about-in-2021/> [Acedido em 08 fevereiro 2021].



- Rego, A., Cunha, M. P. e, & Meyer Jr., V. (2019). Quantos participantes são necessários para um estudo qualitativo? Linhas práticas de orientação. *Revista De Gestão Dos Países De Língua Portuguesa*, 17(2), 43-57. <https://doi.org/10.12660/rgplp.v17n2.2018.78224>
- Reis, B. (2017, 7 de fevereiro). O Sahel concentra todas as crises do mundo. *Público*. [Página Online] Retirado de <https://www.publico.pt/2017/02/07/mundo/entrevista/o-sahel-concentra-todas-as-criSES-do-mundo-1761024> [Acedido em 17 outubro 2020]
- Reliefweb. (2015, 21 de abril). EU Sahel Strategy Regional Action Plan 2015-2020. [Página Online] Retirado de <https://reliefweb.int/report/world/eu-sahel-strategy-regional-action-plan-2015-2020> [Acedido em 9 fevereiro 2021].
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2013, de 05 de abril (2013). *Conceito Estratégico de Defesa Nacional*. Diário da República, 1.ª Série, 67, 1981 - 1995. Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros.
- RFI. (2015, 21 de junho). L'accord de paix pour le nord du Mali officiellement ratifié. [Página Online] Retirado de <https://www.rfi.fr/fr/afrique/2min/20150620-mali-signature-accord-paix-bamako-cma-azawad> [Acedido em 4 abril 2021].
- Ribeiro, N. (2020, 26 de agosto). África e Moçambique na agenda da Defesa na presidência portuguesa da UE. [Página Online] Retirado de: <https://www.publico.pt/2020/08/26/politica/noticia/africa-mocambique-agenda-defesa-presidencia-portuguesa-ue-1928631?> [Acedido em 01 janeiro 2021].
- Santos, J. A. L. d. (2016). *A Guerra no meio de nós*. Lisboa: Clube do Autor, S. A..
- Santos, J. T., Aquino, C. F., Cesar, F. E. A. C., Pantano, M. J. & Santos, R. F. N. (2018). O Conflituoso cinturão do Sahel. Junho. Série Conflitos Internacionais. [PDF]. Retirado de <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-5-n.-3-jun.-2018---o-conflituoso-cinturao-do-sahel> [Acedido em 22 novembro 2020]
- Santos, L. A. B., & Lima, J. M. M. (Coord.) (2019). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação* (2.ª ed., revista e atualizada). Lisboa: IUM.
- SEAE. (2019). THE EUROPEAN UNION'S PARTNERSHIP WITH THE G5 SAHEL COUNTRIES. July. Factsheet [PDF]. Retirado de [https://eeas.europa.eu/sites/eeas/files/factsheet\\_eu\\_g5\\_sahel\\_july-2019.pdf](https://eeas.europa.eu/sites/eeas/files/factsheet_eu_g5_sahel_july-2019.pdf) [Acedido em 25 novembro 2020].



- SEAE. (2020, 22 de outubro). Tell us how the EU can improve its action in the Sahel. [Página Online] Retirado de: <https://eeas.europa.eu/headquarters/headquarters-homepage/87356/tell-us-how-eu-can-improve-its-action-sahel> en [Acedido em 22 outubro 2020].
- SEAE. (2021, 21 de fevereiro). Sahel: pour gagner la guerre, il faut maintenant gagner la paix. [Página Online] Retirado de: <https://eeas.europa.eu/regions/africa/93545/sahel-pour-gagner-la-guerre-il-faut-maintenant-gagner-la-paix> en [Acedido em 23 fevereiro 2021].
- Silva, A. S. (2019, 3 de janeiro). *O posicionamento geopolítico e a política externa de Portugal* [PDF]. Retirado de <https://www.portugal.gov.pt> [Acedido em 4 abril 2021].
- Silva, A. S. (2020, 6 de janeiro). 2020 em perspetiva - Intervenção do Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, no Seminário Diplomático [Página Online]. Retirado de <https://www.portaldiplomatico.mne.gov.pt/comunicacao-e-media/noticias/2020-em-perspetiva-intervencao-do-ministro-de-estado-e-dos-negocios-estrangeiros-augusto-santos-silva-no-seminario-diplomatico> [Acedido em 4 abril 2021].
- Styan, D. (2017). Europe's multiple security strategies towards Africa. Em: Economides, S. and Sperling, J. (eds.), *EU Security Strategies: Extending the EU System of Security Governance*. Routledge Studies in European Security and Strategy. Abingdon, UK: Routledge. ISBN 9781138210417. (InPress) Retirado de <https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/19149/5/19149.pdf> [Acedido em 16 novembro 2020].
- Tawil, C. (2021, 4 de fevereiro). AFRICOM to Asharq Al-Awsat: We're Looking to Renew Partnership with Sudan. [Página Online] Retirado de: <https://english.aawsat.com/home/article/2784081/africom-asharq-al-awsat-we%E2%80%99re-looking-renew-partnership-sudan> [Acedido em 05 fevereiro 2021].
- The Defense Post. (2021). Senegal Must Ready for 'Battle' With Jihadists, Says President. [Página Online] Retirado de: <https://www.thedefensepost.com/2021/02/23/senegal-must-ready-battle-jihadists/> [Acedido em 25 fevereiro 2021].
- The Fund For Peace. (2020). *Fragile States Index 2020 – Annual Report* [Página Online]. Retirado de <https://fragilestatesindex.org/2020/05/08/fragile-states-index-2020-annual-report/> [Acedido em 25 outubro 2020].



- TRTWORLD. (2020, 27 de fevereiro). African Union to deploy 3,000 troops to restive Sahel. [Página Online] Retirado de: <https://www.trtworld.com/africa/african-union-to-deploy-3-000-troops-to-restive-sahel-34165> [Acedido em 28 outubro 2020].
- Turse, N. (2020, 1 de maio). The US military’s plans to cement its network of African bases. [Página Online] Retirado de: <https://mg.co.za/article/2020-05-01-exclusive-the-us-militarys-plans-to-cement-its-network-of-african-bases/> [Acedido em 04 janeiro 2021].
- United Nations Conference on Trade and Development [UNCTD]. (2019). Commodity Dependence, Climate Change and the Paris Agreement. [Página Online] Retirado de: <https://unctad.org/publications> [Acedido em 31 janeiro 2021].
- United Nations Office on Drugs and Crime [UNODC]. (2013). *Le Programme Sahel* [PDF]. Retirado de [https://www.unodc.org/documents/westandcentralafrica/UNODC\\_contribution\\_to\\_the\\_UN\\_Sahel\\_strategy\\_Portuguese.pdf](https://www.unodc.org/documents/westandcentralafrica/UNODC_contribution_to_the_UN_Sahel_strategy_Portuguese.pdf) [Acedido em 8 dezembro 2020].
- USDoD. (2019). *Country Reports on Terrorism 2019*. [PDF] Retirado de: <https://www.state.gov/wp-content/uploads/2020/06/Country-Reports-on-Terrorism-2019-2.pdf> [Acedido em 14 novembro 2020].
- US Embassy in Chad. (2018, 13 de dezembro). Remarks by National Security Advisor Ambassador John R. Bolton on the The Trump Administration’s New Africa Strategy. [Página Online] Retirado de: <https://td.usembassy.gov/remarks-by-national-security-advisor-ambassador-john-r-bolton-on-the-trump-administrations-new-africa-strategy/> [Acedido em 09 janeiro 2021].
- XXII Governo Constitucional. (2019). Programa do XXII Governo Constitucional 2019-2023. [Página Online] Retirado de: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=programa-do-xxii-governo-constitucional> [Acedido em 01 fevereiro 2021].



## Apêndice A — Lista de participantes na investigação e guião da entrevista

Tabela 2 – Lista de Participantes na investigação

	Entrevistado	Tipo de Entrevista	Data
E1	Professor Associado com Agregação no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, Professor Convidado da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa e do Instituto Universitário Militar – Tenente-Coronel <b>Francisco Miguel Gouveia Pinto Proença Garcia</b>	Entrevista por Zoom	27 de janeiro de 2021
E2	Diretor Coordenador do Estado-Maior do Exército (EME) e antigo Chefe da Divisão de Planeamento Estratégico Militar (DIPLAEM) do Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA) – Major-General <b>Paulo Emanuel Maia Pereira</b>	Entrevista por MSTeams	28 de janeiro de 2021
E3	EUTM Mali <i>Mission Force Commander</i> (Primeiro semestre 2020) – Major-General <b>João Pedro Rato Boga de Oliveira Ribeiro</b>	Entrevista por MSTeams	6 de fevereiro de 2021
E4	Coordenador do Gabinete de Estudos Estratégicos e do Desenvolvimento do Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF) – Professor Doutor <b>Fernando Jorge Cardoso</b>	Entrevista por email	6 de fevereiro de 2021
E5	<i>Head of Cabinet</i> , EUSRS, Lousada <i>Team/SEAE</i> – <b>Frédéric Mathieu</b>	Entrevista por WhatsApp	11 de fevereiro de 2021
E6	Subdiretor-Geral da Direção-Geral de Política de Defesa Nacional (DGPDN) – Brigadeiro-General <b>Nuno Correia Barrento de Lemos Pires</b>	Entrevista por MSTeams	15 de fevereiro de 2021
E7	<i>Head of Cabinet, High Representative of the EU for Foreign Affairs and Security Policy/Vice-President of the Commission Borrell Fontelles Team</i> – <b>Pedro Serrano</b>	Entrevista por email	15 de fevereiro de 2021
E8	Representante Especial para acompanhar a evolução política, económica, social e de segurança no conjunto dos países da região do Sahel – Embaixador <b>José Fernando Moreira da Cunha</b>	Entrevista por MSTeams	18 de fevereiro de 2021
E9	<i>Africa Managing Director/SEAE</i> – Dr. <sup>a</sup> <b>Rita Maria Figueiras Henriques Laranjinha</b>	Entrevista por WhatsApp	25 de fevereiro de 2021
E10	<i>Planning Section (Sahel Region)/Civilian Planning and Conduct Capability (CPCC)/SEAE</i> – <b>Pierre SIMON</b>	Entrevista por email	26 de fevereiro de 2021
E11	<i>Deputy Director/Chief of Staff do Military Planning and Conduct Capability (MPCC) no European Union Military Staff (EUMS)</i> – <b>Major-General Hermínio Teodoro Maio</b>	Entrevista por Zoom	3 de março de 2021
E12	Especialista sobre a região do Sahel, integrado na estrutura do SEAE – <b>Não autorizou a citação nominal na versão final do documento</b>	Entrevista por email	8 de março de 2021
E13	<i>Head of Africa Section/Integrated Strategic Planning for CSDP and Stabilisation (ISP.3) – Common Security and Defence Policy (CSDP)/Strategic Planning/Integrated Approach for Security and Peace (ISP)/SEAE</i> – <b>Frank NEISSE</b>	Entrevista por email	Conjunta com <b>E7</b>
E14	Professora Auxiliar no Departamento de Estudos Políticos da NOVA Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) e Investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) – <b>Professora Doutora Alexandra Magnólia Dias</b>	Entrevista por email	28 de março de 2021

**Legenda:**  Entrevistado não autorizou a citação nominal na versão final do documento  
 Entrevista conjunta



### Guião de Entrevista

Instituto Universitário Militar

Curso de Promoção a Oficial General (CPOG) 2020/2021

Trabalho de Investigação Individual

**G5 SAHEL – A intervenção da União Europeia e a crescente presença na região de atores internacionais**

Auditor: Coronel de Infantaria Luís Miguel Afonso Calmeiro

Orientador: Coronel Tirocinado de Infantaria Lino Loureiro Gonçalves

Ex.<sup>mo</sup> Senhor(a),

A estratégia da União Europeia para o Sahel centra-se na ideia de que não há segurança sem desenvolvimento e não há desenvolvimento sem segurança. E dirige-se a cinco países, que formam o G5 Sahel (G5S): Mauritânia, Mali, Burkina Faso, Níger e Chade. Se não houver paz no Mali, não há paz no Sahel e não se pode olhar de forma isolada ou nacional para questões como a segurança, o terrorismo ou a luta contra o tráfico de droga.

A presente investigação, subordinado ao tema “G5 Sahel – A intervenção da União Europeia e a crescente presença na região de atores internacionais”, tem como objeto o estudo da estratégia da UE para o Sahel e a partir desta o posicionamento de Portugal, tendo em vista as diversas iniciativas políticas, militares, económicas, sociais e correspondentes obstáculos à sua concretização, tendo-se definido a seguinte delimitação da mesma:

- Caracterizar os atores presentes na região, suas motivações, atitudes e comportamentos, que têm implicações, ao nível da cooperação, da acomodação ou de conflito, perante a estratégia da UE para o Sahel.
- Identificar as lacunas da estratégia da UE para o Sahel.
- Analisar a estratégia nacional para o Sahel e avaliar o posicionamento de Portugal, no quadro da estratégia da UE para o Sahel e de que forma pode contribuir para a execução dessa estratégia, nos domínios político, militar, económico e social.

Face ao exposto, foram definidos os seguintes objetivos, geral e específicos:

Objetivo geral

Avaliar o posicionamento de Portugal, no quadro da estratégia da UE para o Sahel.

Objetivos específicos (OE)

OE1: Caracterizar os atores presentes na região formada pelos países do G5S.

OE2: Analisar a estratégia da UE para o Sahel.

OE3: Analisar a estratégia nacional para o Sahel.

Nesse sentido, atendendo, igualmente, que o presente trabalho assenta numa estratégia qualitativa de investigação, muito gostaríamos de contar com a participação de V. Ex.<sup>a</sup> na mesma, através das respostas à entrevista em apreço, uma vez que este instrumento metodológico é indispensável para a criação e validação de eventual conhecimento científico no presente contexto.



Roga-se, ainda, autorização para a gravação da entrevista a fim de facilitar a posterior elaboração de uma síntese da mesma, que será submetida à confirmação e aprovação por parte de V. Ex.<sup>a</sup>. Pretende-se, igualmente, que a análise de conteúdo da entrevista seja anexada ao trabalho e mencionada na bibliografia, podendo, deste modo, constituir fonte para citações ao longo do texto.

Se preferir, em alternativa à entrevista através da plataforma *MSTeams*, poderá responder por escrito às questões e enviar para o endereço eletrónico: [calmeiro.lma@ium.pt](mailto:calmeiro.lma@ium.pt)

Muito obrigado pela atenção e colaboração dispensadas.

Identificação do Entrevistado:

Nome:

Cargo ou função:

Questões:

1. Angel Losada, Alto Representante da União Europeia para o Sahel, referiu numa entrevista, publicada em 2017 no Jornal Público, que “a União Europeia foi a primeira a adoptar uma estratégia para o Sahel. Agora, há 16! A do FMI e muitas outras”. Como caracteriza a estratégia da União Europeia? Evidenciou lacunas? Caso afirmativo, quais?
2. Para além da UE quais são os principais atores presentes na região formada pelos países do G5S? Relativamente à estratégia da UE, quais são os interesses desses atores?
3. O Conceito Estratégico de Defesa Nacional (CEDN), “define os aspetos fundamentais da estratégia global a adotar pelo Estado para a consecução dos objetivos da política de segurança e defesa nacional” e relativamente à África subsaariana, “Portugal, quer bilateralmente, quer no quadro da UE e internacional, deve ajudar a promover processos de integração económica e política regional”. Considera que Portugal tem uma estratégia para a região do Sahel, que tem uma estratégia para África ou apenas para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)?
4. De que forma considera que essa estratégia abrange o Sahel? No âmbito das relações bilaterais, no quadro da UE ou outro?
5. De que forma o posicionamento de Portugal pode contribuir para a execução da estratégia da UE, nos domínios político, militar, económico e social?
6. Em seu entender, quais são ou podem ser as vantagens estratégicas resultantes do envolvimento militar de Portugal na MINUSMA, EUTM Mali e nas missões civis EUCAP Sahel Mali e Níger, quer ao nível multilateral, quer ao nível bilateral?



## Apêndice B — Análise de conteúdo final das entrevistas

Questão #1 – Como caracteriza a estratégia da União Europeia? Evidenciou lacunas? Caso afirmativo, quais?

Quadro 2 – Análise de conteúdo final das respostas à questão 1

Unidades de Registo		Entrevistados														Unidades de enumeração	Resultados (%)
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14		
1.1	<b>Caracterização</b>																
1.1.1	Segurança	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X		X	X	12	86%
1.1.2	Desenvolvimento	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		12	86%
1.1.3	Governança										X					1	7%
1.1.4	Enfoque na segurança	X	X	X			X			X	X	X			X	8	57%
1.1.5	Enfoque na contenção da migração				X											1	7%
1.1.6	Uma estratégia sem recursos é uma estratégia imoral						X									1	7%
1.2	<b>Lacunas</b>																
1.2.1	Desenvolvimento	X	X	X						X						4	29%
1.2.2	Falta de sincronização			X					X		X	X	X			5	36%
1.2.3	Ambiente mudou					X		X					X	X		4	29%
1.2.4	Ausência de uma política geral para o Sahel						X									1	7%
1.2.5	Capacidade de medir o sucesso											X				1	7%
1.2.6	Sobre concentração na dimensão militar													X		1	7%
1.3	<b>Futuro da estratégia da UE</b>																
1.3.1	Segurança	X		X		X				X		X				5	36%
1.3.2	Desenvolvimento	X		X		X				X		X				5	36%
1.3.3	Enfoque na Segurança							X						X		2	14%
1.3.4	Enfoque no desenvolvimento	X						X						X		3	21%
1.3.5	Enfoque no Planeamento										X					1	7%
1.3.6	Enfoque na defesa							X						X		2	14%
1.3.7	Enfoque na diplomacia							X						X		2	14%
1.3.8	Enfoque nos aspetos humanitários					X		X						X		3	21%
1.3.9	Enfoque na governação / Construção do estado					X				X					X	3	21%
1.3.10	Enfoque nas alterações climáticas					X										1	7%
1.3.11	Sincronizada / Abordagem integrada			X				X			X			X		4	29%
1.3.12	Bússola estratégica da UE						X									1	7%
1.3.13	Dar cobertura em todos os seus pilares à «Coligação para o Sahel»									X						1	7%
1.3.14	Com monitorização dos resultados											X				1	7%
1.3.15	Ampliar a estratégia à Líbia e à Nigéria												X			1	7%

**Legenda:**  Entrevistado não autorizou a citação nominal na versão final do documento  
 Entrevista conjunta



Questão #2 – Para além da UE quais são os principais atores presentes na região formada pelos países do G5 Sahel? Relativamente à estratégia da UE, quais são os interesses desses atores?

Quadro 3 – Análise de conteúdo final das respostas à questão 2

**Categoria:** Caracterização dos atores

Unidades de Registo	Entrevistados														Unidades de enumeração	Resultados (%)	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14			
<b>2.1</b>	<b>Atores (Organizações)</b>																
2.1.1	G5S	X	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X		11	79%
2.1.2	ONU	X	X	X			X	X	X			X	X	X		9	64%
2.1.3	UE	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	14	100%
2.1.4	UA		X			X	X	X	X			X	X	X		8	57%
2.1.5	NATO		X													1	7%
2.1.6	CEDEAO	X	X	X		X	X	X	X			X	X	X		10	71%
<b>2.2</b>	<b>Atores (Estados-Membros)</b>																
2.2.1	Alemanha						X		X			X				3	21%
2.2.2	Bélgica											X				1	7%
2.2.3	Dinamarca								X							1	7%
2.2.4	Espanha						X		X			X				3	21%
2.2.5	Finlândia											X				1	7%
2.2.6	França	X	X	X	X		X		X	X	X	X	X		X	11	79%
2.2.7	Itália		X				X		X			X				4	29%
2.2.8	Lituânia									X						1	7%
2.2.9	Luxemburgo								X							1	7%
<b>2.3</b>	<b>Atores (outros Estados)</b>																
2.3.1	Arábia Saudita								X							1	7%
2.3.2	Argélia						X					X			X	3	21%
2.3.3	Canadá								X							1	7%
2.3.4	Qatar								X							1	7%
2.3.5	EAU								X							1	7%
2.3.6	EUA	X	X	X	X		X	X	X	X		X	X	X	X	12	86%
2.3.7	Líbia			X								X	X			3	21%
2.3.8	Marrocos						X								X	2	14%
2.3.9	Nigéria											X				1	7%
2.3.10	Noruega								X							1	7%
2.3.11	Reino Unido	X	X				X		X			X				5	36%
2.3.12	RPC	X	X	X	X		X	X	X			X	X	X		10	71%
2.3.13	Rússia	X	X	X			X	X	X			X		X		8	57%
2.3.14	Suíça								X							1	7%
2.3.15	Turquia							X				X	X	X		4	29%
<b>2.4</b>	<b>Atores (outros atores)</b>																
2.4.1	ONG						X									1	7%
2.4.2	GT	X	X	X		X			X	X		X	X			8	57%

**Legenda:**  Entrevistado não autorizou a citação nominal na versão final do documento  
 Entrevista conjunta



Questão #3 – Considera que Portugal tem uma estratégia para a região do Sahel, que tem uma estratégia para África ou apenas para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)?

Questão #4 – De que forma considera que essa estratégia abrange o Sahel? No âmbito das relações bilaterais, no quadro da UE ou outro?

Questão #5 – De que forma o posicionamento de Portugal pode contribuir para a execução da estratégia da UE, nos domínios político, militar, económico e social?

Questão #6 – Em seu entender, quais são ou podem ser as vantagens estratégicas resultantes do envolvimento militar de Portugal na MINUSMA, EUTM Mali e nas missões civis EUCAP Sahel Mali e Níger, quer ao nível multilateral, quer ao nível bilateral?

**Quadro 4 – Análise de conteúdo final das respostas às questões 3 a 6**

<b>Categoria: Estratégia de Portugal</b>																	
Unidades de Registo		Entrevistados														Unidades de enumeração	Resultados (%)
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14		
3.1	<b>Estratégia</b>																
3.1.1	Para África					X	X	X	X	X	X	X	X	X	8		
3.1.2	Para os PALOP	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	13		
3.1.3	Para o Sahel						X	X					X	3			
3.1.4	Não existe clareza e objetividade		X											1			
3.1.5	Não tem qualquer estratégia				X									1			
3.1.6	Tem alguns princípios de política para o grande Sahel					X								1			
3.1.7	Com um alinhamento entre a Política Externa e Política de Defesa								X					1			
3.2	<b>A estratégia abrange o Sahel no quadro:</b>																
3.2.1	Bilateral		X			X		X						3			
3.2.2	Multilateral	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	14			
3.3	<b>Posicionamento de Portugal</b>																
3.3.1	Dimensão Política	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	12			
3.3.2	Dimensão Militar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	13			
3.3.3	Dimensão Económica (Através da UE)	X		X		X		X						4			
3.3.4	Dimensão Social (Através da UE)			X		X		X						3			
3.3.5	Dimensão Ambiental (Através da UE)					X		X						2			
3.4	<b>Vantagens estratégicas</b>																
3.4.1	Credibilidade	X	X			X	X	X		X	X		X	10			
3.4.2	Reconhecimento				X			X			X	X		4			
3.4.3	Segurança do flanco sul da Europa/linha de defesa avançada da Europa			X		X	X	X	X	X	X		X	8			

**Legenda:**  Entrevistado não autorizou a citação nominal na versão final do documento  
 Entrevista conjunta



## Apêndice C — Matrizes de unidades de contexto e de registo

Quadro 5 – Matriz de unidades de contexto e de registo da questão 1

Como caracteriza a estratégia da União Europeia? Evidenciou lacunas? Caso afirmativo, quais?

	Unidade de Contexto	Unidade de Registo
Entrevistado #1 (E1)	E onde falhava, essencialmente na parte socioeconómica, porque era muito virada para a segurança, pouco virada para a economia, nomeadamente para a fixação das populações, vocacionada para os mais novos e sobretudo para a mobilidade humana. [...] Penso que a revisão da estratégia vai ser uma aposta mais integrada, que é uma visão mais virada para a área socioeconómica, para a fixação das populações, para a não radicalização dos mais novos, vai dar muita atenção ao desenvolvimento. Menos para a segurança e mais para o desenvolvimento. Foi aqui que a estratégia falhou.	<b>Caracterização:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque na segurança. (1.1) <b>Lacunas:</b> Desenvolvimento. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque no desenvolvimento (1.3)
E2	[...] e tudo isto tem uma capa de desenvolvimento para estabilização, [...] porque a Europa não conseguiu ser consequente. [...] A UE evidenciou lacunas. [...] patrocinadíssimos por França, pelos EUA, mas completamente desligados da realidade cultural e da realidade no terreno, e não fazendo aquilo que o Sr. Angel Losada, muito bem referiu, que é a questão da Segurança e do Desenvolvimento andarem par-a-par. [...] num Estado onde o poder é fraco, o Estado não garante as suas funções [...] quando não há estruturas que materializem o estado. [...] A estratégia da UE tem um erro de base, porque a própria estratégia é construída com base nos interesses dos atores.	<b>Caracterização:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque na segurança. (1.1) <b>Lacunas:</b> Desenvolvimento. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> ---
E3	[...] existe a estratégia de sincronização das estratégias, como a Aliança para o Sahel, a P3S [...]. A estratégia da UE é em si mesma, do ponto de vista conceptual absolutamente correta, seja em relação à área em si, seja em relação à influência que aquela área tem na Europa. [...] é necessário aplicar em primeiro lugar ou pelo menos de uma forma muito simultânea ou sincronizada o instrumento militar [...] garantir a estabilização para que o investimento possa entrar e produzir os seus efeitos e levar à subsistência das pessoas em primeiro lugar e depois ao seu desenvolvimento.	<b>Caracterização:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque na segurança. (1.1) <b>Lacunas:</b> Sincronização e Desenvolvimento. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Segurança e desenvolvimento sincronizados (1.3)
E4	A estratégia da EU é condicionada pela necessidade de conter tensões internas entre diversos Estados europeus sobre questões fraturantes como a imigração e a utilização de maiores volumes de ajuda em detrimento da sua canalização para fins internos ao espaço europeu.	<b>Caracterização:</b> Desenvolvimento com enfoque na contenção da Migração. (1.1) <b>Lacunas:</b> --- (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> --- (1.3)
E5	[...] as deficiências, antes de mais as coisas mudaram e, em segundo lugar, também em termos de substância, acho que é bastante correto dizer que, neste momento, esses cinco Estados do Sahel têm muitos problemas a tratar e nós, a UE, ajudamo-los em muitas áreas, por exemplo, também o apoio financeiro. [...] havia deficiências na estratégia do Sahel porque ela foi adotada em 2011 [...]. Neste entretanto, muitas coisas aconteceram no Sahel, [...] a maior parte delas vai ser mantida porque ainda são relevantes, [...], a segurança e o desenvolvimento, [...]. Isso era relevante na época e ainda é relevante agora. [...], mas também tem o nexu humanitário. [...] a questão da governação deve ser abordada. E essa questão de governação não foi muito destacada na estratégia de 2011. [...] Vamos ouvir o que os cinco Estados têm a dizer e enriquecer a nossa estratégia do Sahel. [...] Se olhar para a estratégia de 2011, as alterações climáticas não foram incluídas.	<b>Caracterização:</b> Segurança e desenvolvimento. (1.1) <b>Lacunas:</b> Ambiente mudou. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque nos aspetos humanitários, na Governação e nas alterações climáticas (1.3)



	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Unidade de Registo</b>
<b>E6</b>	<p>Existe uma estratégia da UE para o Sahel, mas não existe uma política clara. [...] Para haver uma estratégia terá de haver uma política. E a política da UE, está refém das vontades dos seus Estados que, por sua vez, estão divididos nesta questão. [...] podem não se opor, mas também não apoiam ou não se interessam. [...] o que temos neste momento são umas intenções estratégicas da UE, que são boas, que estão razoavelmente bem pensadas, mas ainda não estão concertadas e não estão de todo, ainda, bem arquitetadas entre os vários atores, mesmo dentro da UE, leia-se França e outros. [...] Há ali uma série de coisas que são <i>self evident</i> mas que não traduzem uma capacidade resolutiva que é fundamental. [...] é uma estratégia concertada a partir de uma política combinada, que ainda não existe, entre a UE, a ONU, a UA e as organizações regionais, além dos atores, como a França, com as suas coligações <i>ad hoc</i> nas quais Portugal participa, <i>Barchane</i> e outras, [...].</p>	<p><b>Caracterização:</b> Segurança e Desenvolvimento. Uma estratégia sem recursos é uma estratégia imoral. (1.1) <b>Lacunas:</b> Ausência de uma política geral para o Sahel. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Bússola estratégica da UE (1.3)</p>
<b>E7 e E13</b>	<p>A região do Sahel é uma questão estratégica para a UE. [...] Apesar desta mobilização sem precedentes, a situação de segurança, social e humanitária no Sahel continuou a piorar. [...] rever a estratégia da UE para a segurança e o desenvolvimento no Sahel, [...] reavaliação precisa da situação e da sobreposição dos riscos e ameaças, bem como dos objetivos e interesses da UE na região; [...] maior responsabilização mútua [...] implantação de serviços básicos [...] presença do estado em todo o território [...] reforma do setor de segurança / defesa, [...] justiça e reforma do código penal [...] uma Abordagem Integrada que lhe permite atuar em todo o espectro, desde a ajuda humanitária ao desenvolvimento, passando pela segurança e defesa, mas também pela diplomacia.</p>	<p><b>Caracterização:</b> Segurança e desenvolvimento. (1.1) <b>Lacunas:</b> Ambiente mudou. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Abordagem integrada, desde a ajuda humanitária, desenvolvimento, segurança, defesa e diplomacia (1.3)</p>
<b>E8</b>	<p>A nova estratégia da UE para o Sahel [...] destinando-se a dar cobertura em todas os seus pilares à «Coligação para o Sahel». Dessa forma caberá à UE suportar os gastos inerentes. [...] A proliferação de estratégias provoca uma grande confusão, bem como a consequente dispersão de recursos. [...] Percebeu-se na cimeira que, do lado dos chefes de Estado do G5, há a consciência de que, sem a ajuda económica e humanitária da UE e sem o envolvimento militar da França, não têm condições para travarem o avanço do terrorismo.</p>	<p><b>Caracterização:</b> Segurança e desenvolvimento. (1.1) <b>Lacunas:</b> Falta de sincronização. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Dar cobertura em todos os seus pilares à «Coligação para o Sahel» (1.3)</p>
<b>E9</b>	<p>[...] pelos países do G5S, que são os mais interessados por esta estratégia, tem havido resultados positivos em termos de estabilização em matérias de segurança. [...] o enfoque da estratégia já não pode ser apenas securitário, mas tem de ir para além deste (que não foi nunca o exclusivo da estratégia, mas que foi durante os primeiros anos o prioritário), para um enfoque mais de estabilização da situação naqueles países. [...] alargamento da presença do estado [...] e de fornecimento de serviços públicos. [...] Não se pode constatar que tenha havido um insucesso ou que havia lacunas, até porque esta arquitetura da estratégia é muito abrangente, mas porque se constatou que, neste momento, a ação deve direcionar-se mais para estas áreas do desenvolvimento, da consolidação do estado, [...]</p>	<p><b>Caracterização:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque na segurança. (1.1) <b>Lacunas:</b> Desenvolvimento. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque na Governação (1.3)</p>
<b>E10</b>	<p>Estas missões visam o reforço da segurança do país e da proteção das suas populações, e de forma complementar com outros parceiros europeus que atuam nas áreas da governação e desenvolvimento. [...] a degradação de uma dessas três áreas - garantidas da estabilidade e interdependentes entre si - só pode enfraquecer os outros pilares [...] “a instabilidade ou a existência de GT nesta região é uma ameaça direta para a Europa”. [...] Planeamento comum entre os atores a nível estratégico permitiria uma melhor combinação de ações entre os diferentes protagonistas, daria uma maior coerência geral, permitindo ao mesmo tempo uma maior visibilidade da ação da UE nesta região.</p>	<p><b>Caracterização:</b> Segurança, governação e desenvolvimento com enfoque na segurança. (1.1) <b>Lacunas:</b> Falta de sincronização. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Abordagem global no campo do planeamento (1.3)</p>



	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Unidade de Registo</b>
E11	Assenta de facto nas duas. O Nexu entre desenvolvimento e segurança é bem conhecido, faz todo o sentido e faz parte da estratégia. [...] A ideia é que haja uma abordagem integrada com diferentes instrumentos. Mas, neste momento, a UE é sobretudo muito forte na utilização de instrumentos que não o militar. [...] Há muitas iniciativas no Sahel. Multiplicam-se os secretariados e a tendência para lançar iniciativas bilaterais e depois transferi-las para a União Europeia é perfeitamente visível. A minha grande dúvida, tem a ver com a coordenação de todas estas iniciativas. [...] Há uma estratégia, há uma capacidade enorme para nos adaptarmos e revermos as estratégias, mas acho que há claramente lacunas porque o problema é muito sério. [...] se é uma estratégia da UE, devia ter estruturas para poder acompanhar a implementação da estratégia. [...] Há alguma falta de <i>monitoring</i> daquilo que se passa dentro das diversas instituições destes países que nós apoiamos. [...] deve pagar <i>conditions based</i> , de forma a atingir determinados objetivos. [...] Uma visão de objetivos mais integrados ao nível da UE, tanto ao nível político como ao nível militar, é extremamente importante. [...] muito do investimento no pilar da segurança, na reforma do setor de segurança, não é diretamente contabilizado ao nível da UE, porque é feito através dos EM.	<b>Caracterização:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque na Segurança. (1.1) <b>Lacunas:</b> Sincronização e a capacidade de medir o sucesso. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Segurança e desenvolvimento com monitorização dos resultados (1.3)
E12	O escopo pode ter que ser ampliado para a perspetiva de "Sahel +", incluindo não apenas a Líbia, mas também os países vizinhos do sul e talvez a Nigéria (devido ao <i>BH</i> , ativo no Níger e Chade) [...] a nova estratégia terá de levar em consideração que a vontade de cooperar e aceitar a condição de cooperação com a UE de parceiros locais e a adesão evoluíram. [...] a fim de melhor harmonizar e coordenar a nova estratégia e atividades mútuas	<b>Caracterização:</b> ---. (1.1) <b>Lacunas:</b> Ambiente mudou e sincronização. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Ampliar à Líbia e Nigéria (1.3)
E14	Mais do que a estratégia da UE para o Sahel as intervenções internacionais na região têm sido um desastre pela sobre concentração na dimensão militar da resposta. Tem de haver uma estratégia que abarque todas as dimensões do problema e a pluricausalidade das insurreições e que se foque no apoio à revisão dos projetos políticos de construção do estado.	<b>Caracterização:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque na segurança. (1.1) <b>Lacunas:</b> Desenvolvimento. (1.2) <b>Futuro da estratégia da UE:</b> Segurança e desenvolvimento com enfoque na construção do estado (1.3)

**Quadro 6 – Matriz de unidades de contexto e de registo da questão 2**

Para além da UE quais são os principais atores presentes na região formada pelos países do G5S? Relativamente à estratégia da UE, quais são os interesses desses atores?

	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Unidade de Registo</b>
E1	A UE é apenas um ator. A quantidade de atores a intervir na região, a começar pela ONU, por exemplo no Mali, a multiplicidade de agendas, entre os quais os outros atores como os EUA, a RPC, a Rússia, são tantas agendas que a da UE acaba por ficar diluída. [...] França: a região é a chamada “ <i>Franceafrique</i> ”, África francófona e tudo o que se passa na UE em relação à região é sempre por iniciativa francesa. [...] A nível de projetos, por exemplo, na criação de emprego em África, são os EUA, França, RU e RPC. [...] há uma nova corrida para África, sobretudo das grandes potências. Os principais investidores em África são a França, Holanda, EUA, RU, RPC. [...] o modelo de desenvolvimento socioeconómico chinês encaixa naqueles países [...] com intervenções militares contra o terrorismo	<b>Atores/Dimensões:</b> G5S; ONU; UE; CEDEAO (Económica) EUA (Militar – Intel, Económica, Social); França (Política, Diplomática, Militar, Económica e Social); Holanda (Económica); RU (Económica e Social); RPC (Diplomática, Económica e Social); Rússia (Política, Militar e Económica); GT <b>Interesses/Relações:</b> Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflicto
E2	Tem os países francamente do sul, que são a primeira linha da ameaça, são político-estrategicamente os motores da estratégia da UE para África, [...] e um conjunto de interesses de países individualizados, como a França, a Itália, o RU (não tanto no Sahel mas em África como um todo), [...] e que estão lá a defender claramente os interesses	<b>Atores/Dimensões:</b> G5S; ONU; UE; NATO; CEDEAO (Económica); Espanha (Política, Diplomática); EUA (Política, Diplomática, Militar, Económica, Social); França (Política, Diplomática,



	Unidade de Contexto	Unidade de Registo
	económicos. [...] as tropas <i>abroad</i> da França, estão muito vocacionadas para o Sahel [...] a França tem uma agenda europeia e uma agenda nacional [...]. Os EUA estão ali para dar dinheiro e para combater a influência russa [...] A Rússia, está a entrar numa estratégia indireta, como sempre entrou [...] onde pela primeira vez está a Rússia a combater grupos armados, só que não é o Estado russo, são empresas de segurança russas [...] A RPC está a implementar a política que tem em toda a África. Chegar, construir, e colocar os países, economicamente nas mãos da RPC [...]	Militar, Económica); <b>Itália</b> (Política, Diplomática, Económica); <b>RU</b> (Económica); <b>RPC</b> (Diplomática, Económica e Social); <b>Rússia</b> (Política, Diplomática e Militar); <b>GT</b> <b>Interesses:</b> <b>Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito</b>
E3	[...] do ponto de vista multilateral mais formal a UA, a CEDEAO, o G5S, as NU (inclui todas as agências que lhe estão associadas) e a UE são as mais importantes [...] países que gravitam à volta e fazem parte da CEDEAO têm também uma agenda ou influência própria naquilo que se passa no Sahel [...] Tudo o que se passa na Líbia tem uma implicação direta na região do Sahel [...] do ponto de vista europeu, a França se destaca, do ponto de vista não europeu os EUA, a Rússia e RPC [...]. É sobre este conflito que, particularmente é muito visível no Mali, que se sobrepõe outro conflito e que vem em grande parte de fora [...]	<b>Atores/Dimensões:</b> <b>G5S</b> ; <b>ONU</b> ; UE; <b>CEDEAO</b> -Inclui EM (Política, Económica) <b>EUA</b> ; <b>França</b> (Política, Diplomática); <b>Líbia</b> (militar); <b>RPC</b> ; <b>Rússia</b> ; <b>GT</b> <b>Interesses:</b> <b>Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito</b>
E4	[...] a presença da EU, enquanto tal, tem pouca expressão no Sahel. Na verdade, os principais atores externos em termos de segurança são a França e os EUA, com a China a rivalizar em termos de ajuda económica com a UE e Estados-Membros [...] Os interesses da França passam pela sua afirmação como potência relevante em termos globais [...] a par do apoio a interesses empresariais franceses que operam na região, [...]	<b>Atores/Dimensões:</b> UE; <b>EUA</b> (Militar); <b>França</b> (Política, Diplomática, Militar, Económica); <b>RPC</b> (Económica) <b>Interesses:</b> <b>Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito</b> (2.2)
E5	[...] o G5S para a UE é um ator estratégico, [...] Não é um grande ator como, por exemplo, Nigéria ou Senegal [...] alguns deles também enfrentam claramente os desafios dos terroristas [...] a CEDEAO foi um ator importante para lidar com essa questão política [...] A UA também [...], e também é um ator importante na região Mas, primeiro focar-nos íamos na CEDEAO, sendo o ator regional, e depois, é claro, olharíamos para a organização mãe, a UA [...] Se formos, ainda mais precisos, [...] no topo estão as Nações Unidas [...]	<b>Atores/Dimensões:</b> <b>G5S</b> ; <b>ONU</b> (Política, Militar); UE; <b>UA</b> ; <b>CEDEAO</b> (Política, Económica); <b>GT</b> <b>Interesses:</b> <b>Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito</b>
E6	[...] todos os atores regionais são implicativos e têm a ganhar e a perder, até porque todas as rotas, de migração, de tráfico de armas, terrorismo, etc, [...], o problema dos Fulani, a tribo Fula, que também tem uma derivação na Guiné Bissau, [...] a UE é um ator fundamental porque é a linha de defesa avançada da Europa [...] À partida a França, obviamente, é um grande ator A Inglaterra, também, é um ator sempre muito presente [...] atores que não podem estar ausentes, como a Alemanha Temos atores que naturalmente costumam estar presentes como a Espanha ou a Itália e temos países que fazem alguma diferença, mesmo qualitativamente, não quantitativamente como é o caso de Portugal Depois temos os donos disto tudo, os EUA e os presentes em todo o lado que é a RPC e a Rússia, que estão sempre presentes de alguma forma [...] O terrorismo transnacional que existe naquela região é um espelho de toda a situação que ali se vive, floresce, abunda e anda impune porque tudo o resto falha [...] diria que o terrorismo é o maior perigo aqui da região do Sahel. Mas não é. É um perigo enorme, é uma demonstração evidente da ausência de estado e de governação que existe nesta região [...]	<b>Atores/Dimensões:</b> <b>G5S</b> ; <b>ONU</b> (não consegue ser efetiva); <b>UA</b> ; UE; <b>CEDEAO</b> ; <b>Alemanha</b> ; Argélia; <b>Espanha</b> ; <b>EUA</b> ; <b>França</b> ; <b>Itália</b> ; Marrocos; <b>RU</b> ; <b>RPC</b> ; <b>Rússia</b> ; <b>ONG</b> ; <b>GT</b> (2.1) <b>Interesses:</b> <b>Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito</b>
E7 e E13	[...] UE realizou consultas aprofundadas com os Estados-Membros, os países do Sahel, os intervenientes regionais e internacionais (ONU, União Africana, CEDEAO, EUA, países do Golfo, etc), bem como representantes da sociedade civil dos países do Sahel para apresentar uma nova estratégia adaptada aos desafios atuais [...] atores institucionais como as Nações Unidas (MINUSMA, UNODC, etc), ou atores bilaterais como os Estados Unidos, estão envolvidos em ações	<b>Atores/Dimensões:</b> <b>G5S</b> ; <b>ONU</b> ; UE; <b>UA</b> ; <b>CEDEAO</b> ; <b>EUA</b> ; <b>RPC</b> ; <b>Rússia</b> ; <b>Turquia</b> <b>Interesses:</b> <b>Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito</b>



	Unidade de Contexto	Unidade de Registo
	complementares e coordenadas destinadas à convergência estratégica [...]. Novos atores, como China, Rússia, Turquia ou os Estados do Golfo, mostram desejo de ampliar sua influência nesta região do mundo, muitas vezes com vistas a ganhos de curto prazo [...]	
E8	A problemática do Sahel tem sido tradicionalmente um exercício da França, utilizando meios diplomáticos de influência (junto da UE, do CS da Nações Unidas, da CEDEAO, da União Africana), [...]. No ano passado, a França lançou juntamente com a Alemanha uma estratégia alargada – política, de desenvolvimento e de combate ao terrorismo – denominada «Coligação para o Sahel», que foi adotada pela UE e por países não UE ativos na cooperação com a região, como os EUA, Canadá, Reino Unido, Suíça e Noruega. [...] somente a França e as Forças Armadas da Estónia encontram-se envolvidas na <i>task force</i> , [...]. De salientar a luta de influência político-religiosa e a grande rivalidade que se têm observado no Sahel: o eixo Arábia Saudita-Emirados, por um lado, e Qatar por outro Apoiam os orçamentos nacionais e financiam as atividades à volta das mesquitas com grande impacto nas populações menos favorecidas (programas sociais e de educação) [...]. Alguns países promovem uma cooperação social e humanitário no Sahel, como o Canadá, os EUA, a Suíça, a Noruega e o Reino Unido Há outros que mantém presenças na região: a RPC nas vertentes económica e política, e a Rússia política [...]. No quadro da UE, além da França, a Espanha, Itália, a Alemanha, a Holanda, Portugal e pouco mais aqueles que se mostram permanentemente empenhados no Sahel, [...]. Há outros atores que disponibilizam avultados fundos de cooperação, como a Noruega, a Dinamarca, o Luxemburgo, a Suíça, o Canadá, os EUA [...]	<b>Atores/Dimensões:</b> G5S; ONU (defesa das populações); UE; UA; CEDEAO; Alemanha; Arábia Saudita (Política, Económica e Social); Canadá (Económica e Social); Qatar (Política, Económica e Social); Dinamarca (Económica e Social); EAU (Política, Económica e Social); Espanha; EUA (Militar, Económica e Social); França (Política, Diplomática, Militar); Holanda; Itália; Luxemburgo (Económica e Social); Noruega (Económica e Social); RU (Económica e Social); RPC (Diplomática, Económica); Rússia (Política); Suíça (Económica e Social); GT <b>Interesses:</b> Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito
E9	Os atores principais são sempre os próprios Estados do G5S [...]. Também as organizações terroristas, apesar de não serem perfeitamente identificáveis, [...]. Há dentro da UE, países, EM, que estão com uma presença mais forte em que a França é um exemplo, a Espanha é outro, [...] países como a Estónia ou a Lituânia estão presentes, [...]. Há um entendimento dentro da UE que esta é uma ameaça para a segurança da UE e como tal, os diferentes EM contribuem na medida das suas possibilidades, o que é muito significativo quando se vê o número crescente de EM que têm nomeado enviados especiais para o Sahel [...] são os EUA e a expectativa que a UE tem que esta nova administração venha a ter uma presença mais significativa na região e que possa dar um contributo mais empenhado no combate ao terrorismo na região [...] nesta fase podemos confirmar uma tendência óbvia por parte dos EUA em reassumir um maior protagonismo na região, no sentido dos interesses da UE	<b>Atores/Dimensões:</b> G5S; UE; Espanha (Militar); EUA (Política, Diplomática e Militar); Estónia (Militar) França (Militar); Lituânia (Militar); GT <b>Interesses:</b> Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito
E10	A Organização das Nações Unidas constitui, sem dúvida, um ator igualmente importante [...]. A França, instigadora da Operação <i>Barkhane</i> , é um ator histórico no Sahel [...] A França também possui uma vasta rede de trabalhadores humanitários numa variedade de áreas que consolidam a implementação da estratégia da UE [...]	<b>Atores/Dimensões:</b> ONU; UE; França (Militar e Social) <b>Interesses:</b> Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito
E11	Primeiro existem os atores locais, os próprios países. [...] Há uma situação concreta de insegurança derivada de focos muito importantes de terrorismo, organizações extremamente violentas que utilizam métodos terroristas para atingir os seus objetivos e que estão às portas da Europa. [...] estão interligadas não só a insegurança derivada dos GT, como também a insegurança derivada dos conflitos interétnicos. [...] a organização regional, que no caso daquela região tem funcionado é a ECOWAS. [...] todo o processo pós golpe de estado que mostrou a credibilidade da ECOWAS. [...] não só a União Europeia, como os EUA e a UA delegaram sempre na ECOWAS a primazia no acompanhamento do processo [...] a situação na Líbia é parte do problema. Enquanto não	<b>Atores/Dimensões:</b> G5S; ONU; UE; CEDEAO (Política); Alemanha (Militar); Argélia; Bélgica (Militar); Espanha (Militar); EUA; Filândia (Militar); França (Política, Diplomática, Militar); Itália (Militar); Líbia (Política); Nigéria; RU (Militar); RPC; Rússia; Suécia; Turquia; GT (2.1) <b>Interesses:</b> Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito (2.2)



	Unidade de Contexto	Unidade de Registo
	<p>se resolver a situação na Líbia vai ser difícil encontrar uma solução também para o Sahel. A Argélia tem um papel importante na região, a Nigéria também. [...] A Mauritânia embora não a veja com um grande dinamismo [...] os EUA que têm uma posição interessante. [...] Os russos estão muito presentes e têm imensa atividade. Não vejo que eles tenham capacidade para competir com a UE na área do desenvolvimento e mesmo na parte da formação; [...] A China tem uma abordagem diferente que é comum em África [...] A Turquia está cada vez mais ativa, [...] a Finlândia vai aumentar o seu empenhamento na EUTM [...] A Suécia tem um empenhamento grande. Os bálticos, [...] A França que tem uma série de iniciativas e que tem um papel relevante e eu diria, aqui uma outra dimensão [...] incluindo o RU, que saiu da UE, mas continua a participar na MINUSMA e também a apoiar a <i>Barkhane</i>. [...] A Espanha é o maior contribuinte com tropas para EUTM e no mandato cinco, ainda reforçou a sua promessa de envio de tropas. [...] A missão <i>Gazelle</i> de treino de forças de operações especiais no Níger é uma missão alemã [...] pequenas missões, também no Níger, nomeadamente a Itália e a Bélgica que retraiu este ano. [...] Estados, como a China e a própria Rússia e outros, cujos objetivos imediatos são esses. São desestabilizadores e são competidores face aos objetivos da União Europeia.</p>	
E12	<p>O desenvolvimento e crescimento de diferentes GT no Sahel, também facilitado pela intervenção da CI na Líbia. [...] as mudanças nos governos dos países do Sahel e o surgimento de novos atores internacionais na região ofereceram mais oportunidades potenciais de cooperação a esses países. As organizações regionais, como principalmente - o G5S, mas também desde o ano passado a CEDEAO e a UA. Além disso - e já há muito tempo - a ONU [...] os EUA com um interesse crescente na região, França, tendo fortes relações e ligações com o regional e como um dos “fornecedores de segurança” na região, Turquia e China têm - mais “esporadicamente” - aparecido na região, mas não representam um ator permanente e importante na região. Seu interesse parece estar mais globalmente focado na África e nos interesses económicos.</p>	<p><b>Atores/Dimensões:</b> G5S; ONU; UA; UE; CEDEAO; EUA; França; Líbia; RPC; Turquia; GT  <b>Interesses:</b> Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito</p>
E14	<p>A França é o ator externo chave, seguida pelos EUA que foram os primeiros a investir na criação de uma abordagem ao contraterrorismo na região na sequência do 11 de setembro de 2001 [...]. Marrocos é incontornável e a rivalidade entre Marrocos e a Argélia é essencial para compreender as intervenções da última e o interesse da primeira na região. Com efeitos mesmo com mais de 5000 forças/efetivos franceses na região as intervenções têm-se pautado pelo total fracasso em proteger os civis do Sahel contra os movimentos jihadistas e outras insurreições em curso no Sahel.</p>	<p><b>Atores/Dimensões:</b> UE; Argélia; EUA; França; Marrocos  <b>Interesses:</b> Cooperação/acomodação/competição/oposição/conflito</p>

**Quadro 7 – Matriz de unidades de contexto e de registo das questões 3 a 6**

Considera que Portugal tem uma estratégia para a região do Sahel, que tem uma estratégia para África ou apenas para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)?

De que forma considera que essa estratégia abrange o Sahel? No âmbito das relações bilaterais, no quadro da UE ou outro?

De que forma o posicionamento de Portugal pode contribuir para a execução da estratégia da UE, nos domínios político, militar, económico e social?

Em seu entender, quais são ou podem ser as vantagens estratégicas resultantes do envolvimento militar de Portugal na MINUSMA, EUTM Mali e nas missões civis EUCAP Sahel Mali e Níger, quer ao nível multilateral, quer ao nível bilateral?



	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Unidade de Registo</b>
E1	<p>[...] Portugal tem uma estratégia muito importante que é a base da lusofonia [...]. A nossa estratégia a abranger o Sahel terá de ser sempre no quadro da UE [...] Para o Golfo da Guiné penso que devemos começar a ter, temos lá meios navais, mas lá está, é uma estratégia militar, não temos uma estratégia do país importamos de lá o Petróleo e é importante por causa da segurança marítima, mas por iniciativa militar. [...] mas Portugal só tem peso porque é através da UE [...] No Mali temos Soldados nossos, tivemos um General a comandar a Força da UE, [...]. Disponibiliza homens para se necessário morrerem naquelas missões e isso dá poder político a Portugal para negociar Quadros Comunitários de Apoio [...] Somos uns contribuidores ativos para a Política Externa da UE [...] Olham para a palavra dada de uma forma completamente diferente, com credibilidade</p>	<p><b>Estratégia:</b> PALOP (3.1) <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral (3.2) <b>Posicionamento:</b> (3.3) Político: Sim Militar: Sim Económico: Indireto Social: Não referido Ambiental: Não referido <b>Vantagens estratégicas:</b> Credibilidade (3.4)</p>
E2	<p>Portugal é o único que tem de olhar mais para sul, porque a nossa lusofonia está mais para sul, [...]. Portugal, é claramente um fator de influência que eu diria tripartido: [...] na Lusofonia africana, [...] na participação em iniciativas europeias no âmbito da PPUE, [...] centrado naquilo que à volta do G5S pode contribuir para a estabilidade do Sahel [...]. Portugal não está a investir diretamente no Sahel, mas está a investir na periferia sul, bloqueando e garantindo a estabilidade do principal eixo de instabilidade sul norte e norte sul, constituindo-se como tampão. E isto vende! [...] “Não existe clareza e objetividade, operacionalização na estratégia Não está claro o que cada nível faz”. [...] o nosso contributo resume-se aos domínios político e militar Mas podemos ir mais além, assim o Instituto Camões, o MNE e o Ministério da Economia queiram Mas na realidade nesses dois domínios temos como prioridade o Magrebe e ainda não temos consolidação no Magrebe para podermos ir mais para sul [...]</p>	<p><b>Estratégia:</b> PALOP/Não existe clareza e objetividade (3.1) <b>Quadro da estratégia:</b> Bilateral (Mauritânia)/Multilateral (3.2) <b>Posicionamento:</b> (3.3) Político: Sim Militar: Sim Económico: Não Social: Não Ambiental: Não referido <b>Vantagens estratégicas:</b> Credibilidade (3.4)</p>
E3	<p>Portugal tem, e no discurso do MNE foram referidas duas palavras que são muito relevantes, que são a lusofonia e o multilateralismo [...]. Portugal não tem qualquer embaixador nos países do G5S, o que de alguma maneira pode descrever o grau de empenhamento, mas tem um representante especial para os países do Sahel, [...]. A partilha dos valores humanistas, de desenvolvimento e humanitários [...], que a UE preconiza e Portugal é uma Nação muito cristalina na sua defesa, e esta é a forma como Portugal se vem posicionando, [...] Portugal numa forma partilhada participa nos domínios político, económico e social e com mais pessoas e com mais recursos diretos, porque esses têm de ser diretos, no domínio militar, [...]</p>	<p><b>Estratégia:</b> PALOP (3.1) <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral (3.2) <b>Posicionamento:</b> (3.3) Político: Sim (PPUE) Militar: Sim Económico: Sim Social: Sim Ambiental: Não referido <b>Vantagens estratégicas:</b> (3.4) Segurança do flanco sul da Europa</p>
E4	<p>Portugal não tem qualquer estratégia para nenhum dos espaços referidos (ou outros), que não seja a de seguir a estratégia dos seus aliados mais poderosos [...]. No quadro da UE. O posicionamento português tem vindo a acompanhar em domínios diferentes, as estratégias francesa, alemã e da EU, [...]. Simbólica, mas importante, pois, [...] é nas esferas da defesa e segurança que Portugal tem mais reconhecimento do lado africano</p>	<p><b>Estratégia:</b> Não tem qualquer estratégia (3.1) <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral (3.2) <b>Posicionamento:</b> (3.3) Político: Não Militar: Sim Económico: Não Social: Não Ambiental: Não <b>Vantagens estratégicas:</b> (3.4) Reconhecimento</p>
E5	<p>Portugal é um ator importante, claro que tem uma história em África, menos no Sahel do que noutras partes, como Angola e Moçambique, claro, no entanto, Portugal é um ator importante no Sahel, [...] e isso contribuindo, é claro, no Sahel, por intermédio da UE, vistas como missões da PCSD, e essa participação ativa no Sahel como tal a estratégia do Sahel, [...]. Portugal, também, é um dos, não direi poucos, mas não</p>	<p><b>Estratégia:</b> PALOP (3.1) <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral (3.2) <b>Posicionamento:</b> (3.3) Político: Sim Militar: Sim</p>



	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Unidade de Registo</b>
	muitos Estados-Membros da UE que têm um enviado especial para o Sahel [...]. E, é claro, quando conversamos, ele também enriquece as nossas visões comuns sobre como deve ser a estratégia da UE para o Sahel	Económico: Não referido Social: Não referido Ambiental: Não referido <b>Vantagens estratégicas:</b> (3.4) Credibilidade
E6	Portugal já tem alguns princípios de política e estratégias para o Sahel e para aquela região, eu diria, para o grande Sahel e para a nossa presença em África [...]. A estabilidade, a segurança, o desenvolvimento da linha do Sahel é a nossa própria defesa e segurança [...] para a nossa dimensão, qualitativamente temos provado, uma grande utilidade e uma grande capacidade de diálogo e de ser um ator que não é despiciendo [...] também retribuimos, obviamente, em termos de CI, há um interesse direto português, de uma afirmação de uma política externa portuguesa consolidada, [...] Portugal está a afirmar uma certa propensão para olhar para África como um todo [...] todas fazem sentido por um conjunto, [...] Nós já temos uma enorme credibilidade, pela eficácia das nossas forças, já temos uma enorme fiabilidade, porque cumprimos os nossos mandatos da forma como nos é determinado e vamos para além de, [...]	<b>Estratégia:</b> África/PALOP (3.1) <b>Quadro da estratégia:</b> Bilateral + Multilateral (3.2) <b>Posicionamento:</b> (3.3) Político: Sim Militar: Sim Económico: Sim Social: Sim Ambiental: Sim <b>Vantagens estratégicas:</b> (3.4) Credibilidade e fiabilidade; linha de defesa avançada da Europa
E7 e E13	[...] deduzo que Portugal tem uma estratégia para a África, para o Sahel e provavelmente também de particular interesse para os países de língua portuguesa [...]. Portugal tem reconhecida competência no continente africano e nos seus desenvolvimentos [...]. Portugal pode assim usar a sua influência para assegurar, em coordenação com outros Estados-Membros, que o Sahel e a África continuem a ser uma prioridade da ação da UE na cena internacional [...]. A participação de forças militares ou policiais portuguesas em missões da PCSD é uma mais-valia inegável e contribui para o reforço da credibilidade da UE [...]	<b>Estratégia:</b> África/PALOP/Sahel (3.1) <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral (3.2) <b>Posicionamento:</b> (3.3) Político: Sim Militar: Sim Económico: Não referido Social: Não referido Ambiental: Não referido <b>Vantagens estratégicas:</b> (3.4) Credibilidade; Segurança do flanco sul da Europa
E8	Portugal tem uma estratégia para os países de língua portuguesa, para África e para o Sahel, especificamente para o Sahel [...] A minha nomeação deve ser entendida como um grande sinal político, considerando as preocupações derivadas da instabilidade do Sahel no nosso território e nos países da UE, [...]. Reconhecendo que a prioridade portuguesa em África passa pela CPLP (agora em Moçambique) e na RCA, os franceses incentivam-nos a estarmos envolvidos no Sahel, para evitar que a estratégia internacional para a região pareça aos olhos dos sahelianos como sendo uma unicamente francesa [...]. Portugal é tido pela UE como um parceiro decisivo em tudo que se refere a África por não ter qualquer contencioso pendente (incluindo histórico), pelo diálogo permanente que mantém no quadro da CPLP e com outros países africanos [...]. Portugal retira, como vantagem principal do seu envolvimento no Sahel, o acatamento da sua própria estabilidade e proteção do seu espaço de segurança, mas também o reconhecimento internacional da sua influência em África [...]	<b>Estratégia:</b> África/PALOP/Sahel (3.1) <b>Quadro da estratégia:</b> Bilateral (Mauritânia)/Multilateral (3.2) <b>Posicionamento:</b> (3.3) Político: Sim Militar: Sim Económico: Sim Social: Sim Ambiental: Sim <b>Vantagens estratégicas:</b> (3.4) Reconhecimento; Segurança do flanco sul da Europa
E9	A posição de Portugal tem sido uma posição normal, coerente e consistente [...] rapidamente percebeu que tinha uma posição de particular destaque no que respeita às matérias africanas no quadro europeu, [...] Os responsáveis políticos portugueses foram percebendo que a sua ação em relação ao continente africano tinha de ser mais abrangente do que passar apenas pelo relacionamento com os PALOP [...] é uma estratégia bem definida com um alinhamento entre a Política Externa e Política de Defesa [...] os responsáveis políticos portugueses também perceberam que a segurança do território nacional não se faz apenas na fronteira nacional [...]. Portugal é sempre um dos parceiros para o qual olham como um natural participante nessas forças e os	<b>Estratégia:</b> África/PALOP (3.1) <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral (3.2) <b>Posicionamento:</b> (3.3) Político: Sim Militar: Sim Económico: Não referido Social: Não referido Ambiental: Não referido <b>Vantagens estratégicas:</b> (3.4)



	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Unidade de Registo</b>
	<p>militares portugueses são cotados muito positivamente e são chamados a exercer funções de comando das forças europeias e também das NU, sempre com grande brilhantismo e muito reconhecidos</p>	<p>Credibilidade; Segurança do flanco sul da Europa</p>
<b>E10</b>	<p>Parece-me, de uma perspetiva exterior, que Portugal tem - pelo menos na prática - uma verdadeira estratégia internacional, e que não se limita apenas aos países africanos de língua oficial portuguesa, mas também a outros países africanos, em particular aqueles que atualmente enfrentam graves crises [...]. Na mesma lógica que a acima referida, noto a presença de Portugal em posições consideradas "estratégicas" nas várias instituições e sedes da UE [...]. Portugal, [...], é, há muito, um dos principais protagonistas desta mesma estratégia da UE no Sahel e que aqui estou resumindo: forte e compreendido investimento político, empenho militar e policial absolutamente notável [...]. Através da sua presença em todas as OI ou simplesmente bilateralmente, Portugal garante assim a consistência global do seu sistema [...] testemunho do empenhamento inabalável de Portugal face à ameaça terrorista [...]</p>	<p><b>Estratégia:</b> África/PALOP (3.1)  <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral (3.2)  <b>Posicionamento:</b> (3.3)            Político: Sim            Militar: Sim            Económico: Não referido            Social: Não referido            Ambiental: Não referido  <b>Vantagens estratégicas:</b> (3.4)            Credibilidade; Segurança do flanco sul da Europa</p>
<b>E11</b>	<p>Portugal, à sua dimensão, tem uma contribuição muito significativa para a estabilização e para o restabelecimento destes países e para a criação de condições para o seu desenvolvimento. África é grande prioridade para a UE. [...], só por isso, deve ser uma prioridade para Portugal. Mas Portugal é um caso muito particular, pela sua relação de muitos anos que tem com África, particularmente com os países africanos que têm língua oficial portuguesa. [...] reconhecimento do papel relevante de Portugal como contribuinte para as diferentes missões [...] Portugal tem mostrado essa solidariedade e também é isto que se espera dos outros EM. Portugal, tal como outros EM o fazem, deve contribuir, mas também explorar aquilo que é o envolvimento da UE e através disso, manter um papel relevante ao nível político e militar e é isso que tem feito. [...] Ao nível económico..., também não chega para tudo, temos as nossas prioridades. [...] Integrar-se nas políticas gerais da UE é uma boa aproximação para que tenha um papel relevante e pode tê-lo.</p>	<p><b>Estratégia:</b> África/PALOP. (1.1)  <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral. (1.2)  <b>Posicionamento:</b>            Político: Sim            Militar: Sim            Económico: Não            Social: Não            Ambiental: Não  <b>Vantagens estratégicas:</b> Reconhecimento</p>
<b>E12</b>	<p>Porém, de uma forma geral, tendo em conta as ligações históricas de Portugal com África [...] embora a Guiné-Bissau tenha sido uma ex-colónia portuguesa, Portugal parece não ter raízes profundas na região do Sahel geograficamente definida como outros países europeus. [...] Portugal está a mostrar solidariedade e compromisso com os países do Sahel e com a UE [...] Este compromisso confere a Portugal mais influência na tomada de decisão de futuras ações europeias e internacionais. [...] Portugal é certamente - por seu interesse - acompanhar de perto os desenvolvimentos do continente africano e, portanto, participar ativamente das ações da CI nesta região.</p>	<p><b>Estratégia:</b> África/PALOP. (1.1)  <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral. (1.2)  <b>Posicionamento:</b>            Político: Não referido            Militar: Não referido            Económico: Não referido            Social: Não referido            Ambiental: Não referido  <b>Vantagens estratégicas:</b> Reconhecimento e credibilidade</p>
<b>E14</b>	<p>Mesmo constituindo os PALOP a área de influência privilegiada de Portugal [...] o Estado carece de uma orientação/visão estratégica. [...] Há fragmentação de propósitos entre Ministérios, [...]. Portugal tem tido um papel de destaque em várias iniciativas em África para além dos PALOP mas não potencia essa experiência e conhecimento [...] importância no pioneirismo e na promoção das cimeiras UE-ÁFRICA [...] No caso do Sahel a presença e importância de Portugal nas várias intervenções das OIs na região é menos realçada. [...] A UE tem um papel fundamental a desempenhar como ator global e Portugal pode e deve aproveitar a sua influência nesse contexto. Portugal pode contribuir de forma pró-ativa para a elaboração de uma estratégia global ao nível da ONU resultante de um consenso crescente entre grandes potências e outros atores no combate a movimentos radicais de pendor jihadista e/ou motivados por outras narrativas e justificações.</p>	<p><b>Estratégia:</b> PALOP. (1.1)  <b>Quadro da estratégia:</b> Multilateral. (1.2)  <b>Posicionamento:</b>            Político: Sim            Militar: Sim            Económico: Não referido            Social: Não referido            Ambiental: Não referido  <b>Vantagens estratégicas:</b> Credibilidade</p>



## Apêndice D — Recursos naturais

A extração dos recursos naturais pode conduzir ao crescimento económico e ao desenvolvimento social, contudo, quando mal administrados, cresce a corrupção e pode desencadear conflitos (EITI, 2020). Como se pode constatar na Tabela 2, os países do G5S, dispõem de diversas reservas e em algumas tipologias, em quantidade.

Tabela 3 – Reservas de recursos petrolíferos, de gás e minerais

Recurso	Unidade medida	Burkina Faso	Chade	Mali	Mauritânia	Níger
Antimónio	(1)	700				
Bauxite	(2)	12,7		1200	<b>c</b>	
Calcário	(2)			40	<b>d</b>	
Cobre	(2)	70			28	<b>j</b>
Dolomita	(2)	20,7				
Ferro	(2)				1,5	<b>k</b>
Ferro, Titânio e Vanádio	(2)	66				N.D.
Fosfatos	(2)	131,2		20	<b>e</b>	<b>l</b>
Gás	(3)				1,2	
Gesso	(2)				9000	<b>m</b>
Grafite	(1)	9000				
Manganésio	(2)	19		10	<b>f</b>	
Mármore	(1)	100				
Minério de ferro	(2)			2000	<b>g</b>	
Níquel	(2)	30				
Ouro	(1)	154,2	N.D.	800	<b>h</b>	25
Pedra calcária	(2)	93,1				N.D.
Petróleo	(4)		1500	<b>b</b>	20	N.D.
Quartz	(2)				12	
Urânio	(1)		3000	5000	<b>i</b>	N.D.
Xisto betuminoso	(2)			10000		<b>o</b>
Zinco	(2)	6		1,7		

Fonte: EITI (2020)

### Legenda:

- (1) Toneladas métricas
- (2) Milhões de toneladas métricas
- (3) 3 mil milhões *standard cubic feet* (st cu ft)
- (4) Milhões de barris

- a** A mina de zinco de Perkoa é um dos maiores depósitos de zinco de África.
- b** Décimas maiores reservas de África
- c** As reservas de bauxite estão localizadas principalmente em torno de Kayes e a oeste de Bamako
- d** Os depósitos de calcário estão localizados em Bafoulamé e Hombori
- e** Os depósitos de fosfatos estão centrados em Tilemsi
- f** As reservas de manganésio estão localizadas em torno de Ansongo
- g** Os depósitos de minério de ferro estão localizados em redor de Kayes.
- h** Terceiro maior produtor de ouro em África
- i** O Mali tem 5000 toneladas de U3O6 e 200 toneladas de U302 a 0,085%.
- j** Grandes depósitos de cobre estão localizados no centro do país.
- k** Sétimo maior exportador mundial
- l** Estes depósitos estão localizados nos arredores de Louboira.
- m** Maior depósito de gesso do mundo, localizado em Sebkhia N'Drhamcha, na costa a norte de Nouakchott.
- n** A grande maioria da produção de ouro é artesanal
- o** Quinto maior produtor mundial de urânio



## Apêndice E — Indicadores

Os níveis de conflito em 2020 diminuíram ligeiramente em relação a 2019 em todas as regiões, exceto em África. Anualmente, o *Armed Conflict Location & Event Data Project* (ACLED) identifica 10 conflitos ou situações de crise em todo o mundo que podem piorar ou expandir-se, entre os quais, se regista o conflito no Sahel (Raleigh, 2021, p. 2), relativamente ao qual, em outubro de 2020, Mark Lowcock<sup>12</sup> temia que a região estivesse “muito perto de um ponto crítico”, citando uma mistura de pobreza, número crescente de deslocados, governação local de má qualidade, recursos cada vez mais escassos, clima cada vez mais inóspito e grupos organizados violentos (Andrews, 2021), acrescentando ainda que as soluções são inadequadas em escala e desequilibradas, com um esforço elevado na segurança e ajuda humanitária, e muito baixo sobre as causas dos problemas.

### 1. Índice Global de Terrorismo

A análise dos indicadores associados ao terrorismo identifica 15 indicadores estatísticos, medidos pelo IGT<sup>13</sup>, que classifica 163 países com base em quatro fatores contabilizados em cada país num determinado ano<sup>14</sup>, constatando-se que, no período em análise, a situação nos países do G5S revela uma deterioração com particular enfoque a partir de 2018.

Apesar de Pires (*op. cit.*), referir que “o terrorismo transnacional que existe naquela região é um espelho de toda a situação que ali se vive, floresce, abunda e anda impune porque tudo o resto falha” onde “somente a Mauritânia tem a situação controlada” (Cunha, *op. cit.*), conforme se pode constatar no Gráfico 1 e Figura 16, onde o aumento da atividade terrorista no Burkina Faso é parte de um aumento maior em toda a região do Sahel, com surtos semelhantes vistos no Mali e no Níger (IEP, 2020, p. 50). O Níger registou um aumento de 176% nas mortes por terrorismo atribuídas ao BH em 2019. A maioria dos ataques ocorreu na região da bacia do Lago Chade, no entanto, os ataques também foram registados nas regiões ocidentais de Tillabéri e Niamey, onde o BH não havia conduzido ataques até então (p. 16).

---

<sup>12</sup> Coordenador de ajuda de emergência da ONU.

<sup>13</sup> Corrupção, igualdade perante a lei, pobreza extrema, elites facionadas, protestos populares, proteção dos direitos humanos, iliteracia, conflitos internos, despesas militares, crime organizado, violência física, prosperidade, tensões religiosas e étnicas, estado de direito e percentagem de jovens que não estão inseridos no sistema educativo, emprego ou formação (IEP, 2020, pp. 99 - 100).

<sup>14</sup> Número total de incidentes terroristas; número total de mortes causadas por terroristas; número total de feridos causados por terroristas; uma medida do dano total à propriedade de incidentes terroristas (IEP, 2020, p. 96).

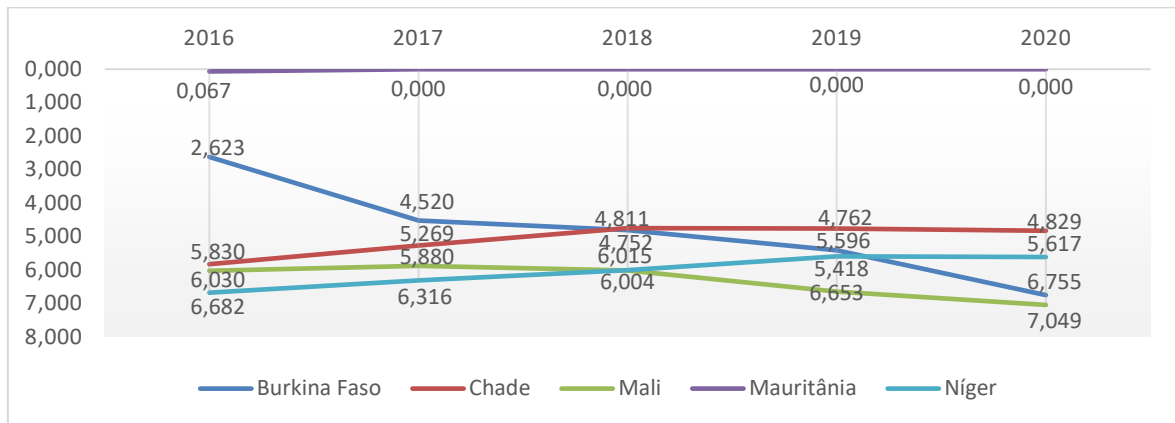


Gráfico 1 – Variação do IGT (2016-2020)

Fonte: autor a partir de IEP (2020)

À medida que, em 2017, a atividade terrorista se deslocou do Médio Oriente para África, o impacto do terrorismo começou a aumentar nas regiões do Magrebe e Sahel. As fronteiras compartilhadas entre essas duas regiões, particularmente entre a Líbia, Mali e Níger e destes com o Burkina Faso, passaram a ser um foco emergente de terrorismo, com tendência para piorar nos anos seguintes. Dos países do G5S, o Mali é o que tem um impacto mais elevado, enquanto na Mauritânia, as atividades terroristas não têm significado (IEP, 2019). “O terrorismo não é o maior perigo aqui da região do Sahel. É um perigo enorme”, mas é sobretudo “uma demonstração evidente da ausência de estado e de governação que existe nesta região” (Pires, *op. cit.*).

### GRUPOS ISLÂMICOS ATIVOS EM ÁFRICA

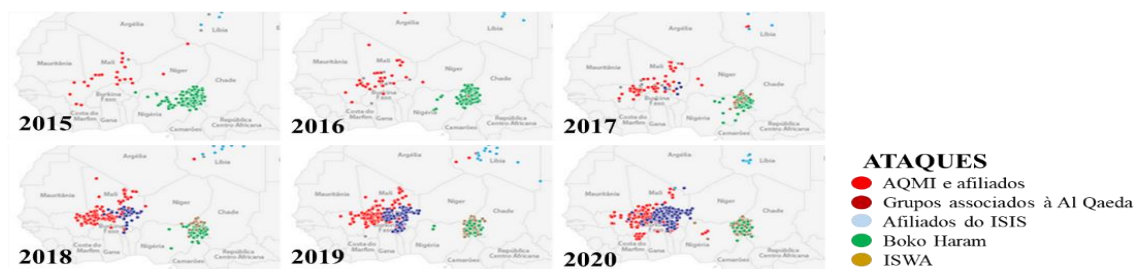


Figura 16 – Grupos Islâmicos ativos em África (2015-2020)

Fonte: autor a partir de ACSS (2020)

A figura 16, espelha o referido por Cunha (*op. cit.*) ao poderem ser identificadas três grandes áreas de terrorismo:

uma no Norte do Mali, perto da fronteira com a Argélia, onde opera a Al-Qaeda-do-Magrebe-Islâmico (AQMI); uma outra na zona “das três fronteiras” – Níger,



Mali e Burkina Faso –, onde se encontra o «Estado Islâmico», a AQMI e grupos autónomos com proselitismo religioso distinto, mas que integram uma «federação» – a «JNIM»; por último temos o BH presente no Lago Chade e na Nigéria, Costa do Marfim, Camarões e outros.

Face a este cenário, o presidente do Senegal, Macky Sall, referiu que os Estados vizinhos da África Ocidental devem "preparar-se para a batalha" para impedir a expansão jihadista para além do Sahel (The Defense Post, 2021).

## 2. Índice Global da Paz

O IGP é medido através de 23 indicadores em 3 domínios: conflitos em curso, *safety* e *security* e despesas com a defesa.

A partir de 2017, a ameaça representada por GT islâmicos continuou a pesar sobre os países do Sahel. Apesar da presença militar francesa e da ONU no Mali, uma combinação de ameaças à segurança por jihadistas e instabilidade política causada pela lenta implementação do acordo de paz de 2015 assinado com uma aliança de grupos Tuaregue, causou uma deterioração significativa nos indicadores de Segurança e Proteção Social.

Em 2020, o Níger registou a quarta maior queda, o que dá continuidade à tendência que começou em 2014, cifrando-se em mais de 25%. Embora tenha tido deteriorações em todos os três domínios, refletido no Gráfico 2, o declínio em segurança e proteção foi o principal motor da sua queda na paz.

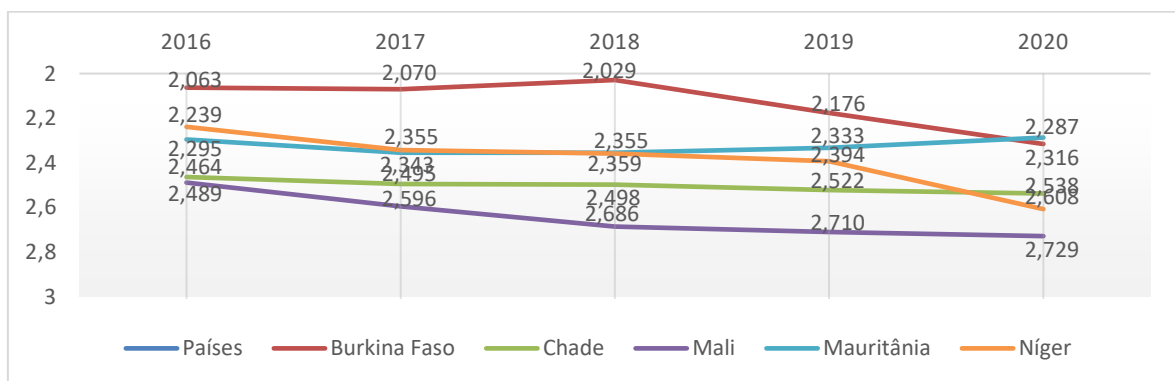


Gráfico 2 – Variação do IGP (2016-2020)

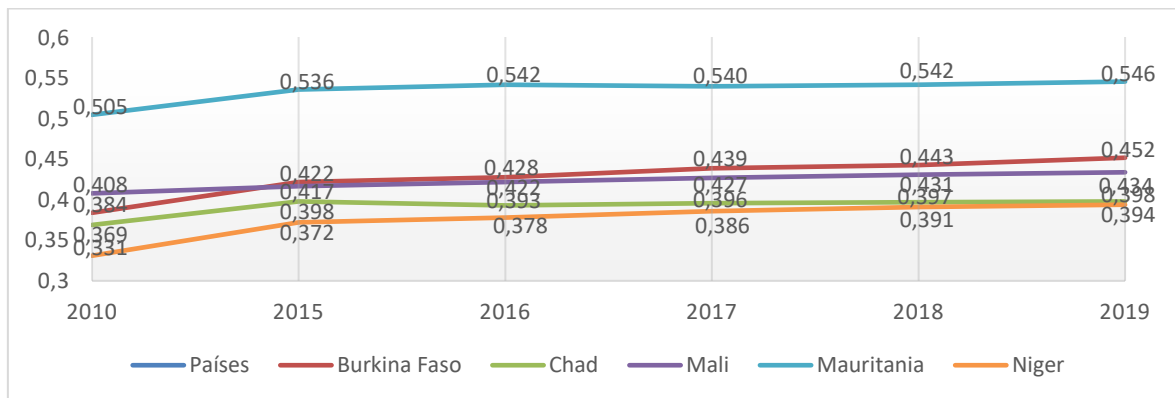
Fonte: autor a partir de IEP (2020)

## 3. Índice de Desenvolvimento Humano

Os países do G5S, apesar de possuírem uma vasta riqueza de recursos naturais, encontram-se numa das regiões mais pobres do mundo – no Índice de Desenvolvimento



Humano (IDH)<sup>15</sup>, em 2020, de um total de 178, aparecem ordenados da seguinte forma: Chade (171.º); Mali (162.º); Níger (169.º); Mauritânia (155.º) e Burkina Faso (141.º) (The Fund For Peace, 2020) – e enfrentam simultaneamente, os desafios interligados da pobreza, alterações climáticas, escassez de alimentos, rápido crescimento populacional, instabilidade, corrupção, tensões internas não resolvidas e o extremismo violento (UNODC, 2013). Alterações no IDH, por norma são lentas, porque o desenvolvimento institucional e as mudanças nas normas sociais são processos de longo prazo. Apesar disso, mesmo pequenas mudanças globais podem ser consideradas importantes, como se pode constatar no Gráfico 3:



**Gráfico 3 – Variação do IDH global (2015-2019)**

Fonte: autor a partir de IEP (2020)

Os efeitos ambientais das mudanças climáticas, incluindo o aquecimento global e a maior frequência e gravidade de eventos climáticos extremos, deverão ter impactos profundos nos países cujo desenvolvimento depende do setor primário, nomeadamente da sua capacidade de produção da qual dependem as suas economias. São mais vulneráveis aos impactos adversos das mudanças climáticas, não só porque estão mais expostos a riscos naturais, mas também devido à sua maior sensibilidade socioeconómica para setores que são altamente afetados por fatores relacionados com o clima (UNCTD, 2019, p. 30). Em 2017, os países do G5S, encontravam-se entre os 40 com maior vulnerabilidade às mudanças climáticas (Índice ND-GAIN – *University of Notre Dame's Global Adaptation Initiative*): Níger (2.º), Chade (4.º), Mali (9.º), Burkina Faso (20.º) e Mauritânia (22.º) (p. 31).

<sup>15</sup> O IDH é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: rendimento, educação e saúde (PNUD Brasil, 2021a) procurando medir as oportunidades e capacidades das pessoas (PNUD Brasil, 2021b).